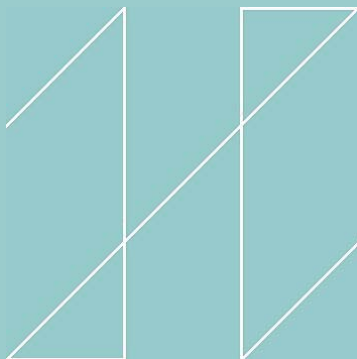


Mary Mills Patrick

SEXTO EMPÍRICO
E O CETICISMO GREGO

TRADUÇÃO: JAIMIR CONTE



Mary Mills Patrick

SEXTO EMPÍRICO
E O CETICISMO GREGO

Tradução
Jaimir Conte

Título original: *Sextus Empiricus and Greek Scepticism*

Mary Mills Patrick (1850-1940)

Cambridge, Deighton Bel & Co. 1899

Tradução: Jaimir Conte, 2010.

Edição em e-book, 2011.

<http://www.cfh.ufsc.br/~conte/txt-patrick.html>

Florianópolis, SC.

NOTA INTRODUTÓRIA

Este estudo sobre Sexto Empírico e o ceticismo grego foi preparado, conforme nos diz Mary Mills Patrick no Prefácio à primeira edição publicada em 1899, com o objetivo de suprir uma lacuna constada pelos estudantes de filosofia grega. Pois, segundo a autora, enquanto outras escolas filosóficas gregas já teriam sido discutidas de forma crítica e exaustiva pelos especialistas, havia na época poucos estudos disponíveis para o estudante que desejasse se familiarizar com os ensinamentos pirrônicos. O objetivo de Mills Patrick, portanto, foi o de fornecer uma apresentação concisa das principais ideias do pirronismo e de seu desenvolvimento histórico, fazendo uso, além das próprias obras de Sexto Empírico, de outros estudos críticos então existentes sobre assunto.

Apesar das importantes contribuições que o estudo do ceticismo recebeu durante o século XX, e, portanto, da ausência neste livro de referências críticas a estudos mais recentes, a apresentação que Mills Patrick faz do ceticismo antigo continua válida e muito útil a todos aqueles que desejam conhecer melhor essa “doutrina” filosófica —, cuja retomada foi extremamente importante no início da Idade Moderna e que continua a influenciar a reflexão filosófica contemporânea.

Jaimir Conte

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	
As relações históricas de Sexto Empírico	07
Sua profissão. – A época em que ele viveu. – O lugar onde ele ensinou. – A natureza de seus escritos.	
CAPÍTULO 2	
A posição e objetivo do ceticismo pirrônico	31
Sua origem. – Sua terminologia. – O critério do pirronismo. – ἐποχή e ἀταραξία.	
CAPÍTULO 3	
Os tropos do ceticismo pirrônico	41
Os dez tropos da ἐποχή. – Os cinco tropos de Agripa. – Os dois tropos. – Os oito tropos contra a etiologia.	
CAPÍTULO 4	
Enesidemo e a filosofia de Heráclito	79
Colocação do problema. – As principais teorias sobre o assunto. – Exame crítico do assunto.	
CAPÍTULO 5	
Uma análise do ceticismo pirrônico	99
O pirronismo e Pirro. – O pirronismo e a Academia. A força e a fraqueza do pirronismo.	
Referências	119

CAPÍTULO 1

As relações históricas de Sexto Empírico

Nos últimos tempos o interesse pelas obras de Sexto Empírico renasceu, especialmente, pode-se dizer, desde a época de Herbart¹. Há muita coisa nos escritos de Sexto que encontra um paralelo nos métodos da filosofia moderna. Existe um ponto de partida comum no estudo dos poderes e limites do pensamento humano. Existe um desejo comum de investigar os fenômenos da percepção sensível, as relações genéticas do homem com os animais inferiores, e um interesse comum pela teoria do conhecimento humano.

No entanto, embora algumas das páginas das obras de Sexto constituam uma possível introdução a certas linhas do pensamento filosófico moderno, não podemos levar a analogia mais longe, pois o pirronismo como um todo não tem o elemento essencial de todo progresso filosófico, que é uma crença na possibilidade de descobrir e estabelecer a verdade nos assuntos investigados.

Antes de iniciar um estudo crítico dos escritos de Sexto Empírico, e da compreensão que eles lançam sobre o desenvolvimento do ceticismo grego, é necessário que nós mesmos nos familiarizemos com o meio em que ele viveu e escreveu. Dessa forma seremos capazes de

¹ Johann Friedrich Herbart (1776-1841) autor de várias obras pedagógicas que o colocam, ao lado de Comênio, Rousseau e Pestalozzi, como uma das principais figuras da Pedagogia clássica. (N. do T.)

compreender de maneira mais completa o ponto de vista a partir do qual ele considerou as questões filosóficas.

Começamos, então, fornecendo alguns detalhes de sua vida, incluindo sua profissão, a época em que ele viveu, o lugar de seu nascimento, o país em que ensinou e o objetivo geral e natureza de suas obras. Aqui, entretanto, encontramos grandes dificuldades, pois embora possuamos a maior parte dos escritos de Sexto bem preservados, a evidência que eles fornecem sobre os pontos mencionados é muito insignificante. Ele não nos dá detalhes biográficos sobre si mesmo, nem se refere aos seus contemporâneos de uma maneira que forneça algum conhecimento exato sobre eles. Seu nome igualmente nos fornece um problema impossível de solucionar. Ele é chamado Σέξτος ὁ ἐμπειρικός por Diógenes Laércio²: Ἡροδότου δ' διήκουσε Σέξτος ὁ ἐμπειρικός, οὗ καὶ τὰ δέκα τῶν σκεπτικῶν καὶ ἄλλα κάλλιστα. Σέξτου δ' διήκουσε Σατορνίνος ὁ Κυθήνας, ἐμπειρικός καὶ αὐτός. Embora nesta passagem Diógenes fale de Sexto a segunda vez sem o sobrenome, não podemos compreender o significado de outra maneira senão que Diógenes considerava Sexto um médico da Escola empírica. Não faltam também outras evidências de que Sexto tinha esse sobrenome. Fabricius, em sua edição das obras de Sexto, cita, da *Tabella de Sectis Medicorum*, de Lambécio, a afirmação de que Sexto era chamado de Empírico por causa de sua atitude em medicina³.

Pseudo-Galeno também se refere a ele como um dos diretores da Escola empírica, e o chama de Σέξτος ὁ

² Diógenes Laércio, IX. 12, 116.

³ Fabricius, *Testimonia*, p. 2.

ἐμπειρικός⁴. Seu nome é frequentemente encontrado nos manuscritos grafado com o sobrenome, como, por exemplo, no final da *Lógica II*⁵. Em outros lugares ele é encontrado grafado sem o sobrenome, como testemunha Fabricius, onde Sexto é mencionado como um cético ligado a Pirro.

A Escola cética esteve durante muito tempo estreitamente ligada à Escola empírica de medicina, e os pirrônicos posteriores, quando eram médicos, como era frequentemente o caso, pertenciam, na maior parte das vezes, a essa escola. Menônodotus de Nicomédia é o primeiro cético, entretanto, que é explicitamente considerado como um médico empírico⁶, e seu contemporâneo Teodas de Laodiceia era também um médico empírico. É difícil datar a época em que Menôdotos e Teodas viveram, mas Brochard e Hass concordam que ele viveu por volta de 150 d.C.⁷ Posteriormente à época desses dois médicos, que estiveram também, cada um por sua vez, à frente da escola cética⁸, parece ter havido uma aliança definitiva entre o pirronismo e o empirismo na medicina, e nós temos toda razão para acreditar que essa aliança existiu até a época de Sexto.

A dificuldade quanto ao nome surge do próprio testemunho de Sexto. No primeiro livro das *Hipotíposes* ele apresenta fortes razões contra a identificação do pirronismo e empirismo na medicina. Embora ele

⁴ Pseudo-Galeno, *Isag.* 4; Fabricius, *Testimonia*, p. 2.

⁵ Bekker, *Math.* VIII, 481.

⁶ Dióg. IX, 12, 115.

⁷ Brochard, *Op. cit.* Livro IV, p. 311.

⁸ Dióg. IX, 12, 116.

introduza suas objeções admitindo que “alguns dizem que eles são idênticos”, em reconhecimento da estreita união que tinha existido entre eles, ele irá dizer que o “empirismo não é idêntico ao ceticismo, nem ficaria bem para o cético abraçar essa doutrina”⁹, porque o empirismo mantém dogmaticamente a impossibilidade do conhecimento, mas ele preferirá pertencer à Escola metódica, que era a única escola médica digna do cético. “Pois de todas as seitas médicas somente essa nada afirma temerariamente sobre as coisas não evidentes, e não presume dizer se elas são compreensíveis ou não, mas guia-se pelos fenômenos”¹⁰. Veremos, dessa maneira, que a Escola metódica de medicina tem certa relação com o ceticismo que é mais estreita que a das outras seitas médicas”¹¹.

Sabemos a partir do testemunho do próprio Sexto que ele era um médico. Num determinado contexto ele usa a primeira pessoa a respeito de si mesmo como um médico¹², num outro fala de Asclépio como “o fundador da nossa ciência”¹³, e todos os seus exemplos mostram um conhecimento médico amplo e variado que somente um médico poderia possuir. Ele publicou uma obra sobre medicina, a qual se refere uma vez como *ιατρικὰ ὑπομνήματα*¹⁴, e outra vez como *ἐμπειρικὰ ὑπομνήματα*¹⁵. Essas passagens provavelmente se

⁹ *Hip.* I, 236.

¹⁰ *Hip.* I, 237.

¹¹ *Hip.* I, 241.

¹² *Hip.* II, 238.

¹³ *Adv. Math.* A. 260.

¹⁴ *Adv. Math.* VII, 202.

¹⁵ *Adv. Math.* A, 61.

referem à mesma obra¹⁶, a qual, infelizmente para a solução da difícil questão que nós temos em mãos, está perdida, e nada é conhecido sobre seu conteúdo.

Em visível contradição com sua afirmação nas *Hipotiposes* I, que o ceticismo e o empirismo são contrários um ao outro, na medida em que o empirismo nega a possibilidade do conhecimento e o ceticismo não faz nenhuma declaração dogmática desse tipo, Sexto classifica os céticos e os empiristas juntos num outro exemplo, pois considerariam o conhecimento impossível¹⁷ ἄλλ' οἱ μὲν φασιν αὐτὰ μή καταλαμβάνεσθαι, ὥστε οἱ ἀπὸ τῆς ἐμπειρίας ἰατροὶ καὶ οἱ ἀπὸ τῆς σκέψεως φιλόσοφοι. Em outro caso, ao contrário, ele contrapõe os céticos exatamente com os empiristas quanto ao ἀπόδειξις¹⁸. οἱ δ' ἐμπειρικοὶ ἀναιροῦσιν, οἱ δ' σκεπτικοὶ ἐν ἐποχῇ ταύτην ἐφύλαξαν.

Pappenheim pensa que Sexto pertencia à Escola metódica, não só por causa de sua forte manifestação a favor dessa escola nas *Hipotiposes* (I, 236), como mencionado, mas também porque muitas de suas opiniões médicas, como encontradas em suas obras, estão mais de acordo com os ensinamentos da Escola metódica do que com aqueles dos empíricos. Pappenheim também sustenta que não encontramos nenhuma inconsistência com essa visão na passagem dada onde Sexto associa os céticos aos empiristas, mas

¹⁶ Zeller, *Op. cit.* III, 43.

¹⁷ *Adv. Math.* VIII, 191.

¹⁸ *Adv. Math.* VIII, 328.

considera essa afirmação um exemplo de uma negligência da parte de Sexto ao exprimir-se,¹⁹.

A posição de Pappenheim é suscetível de crítica porque ao lidar com qualquer problema a respeito de um autor com base em evidências internas, não temos nenhum direito de considerar uma de suas afirmações digna de crédito e outra não, na suposição de que ele se expressou de forma negligente no segundo caso. De preferência, devemos tentar encontrar seu verdadeiro ponto de vista tomando conhecimento de maneira imparcial de todas as dificuldades oferecidas nas passagens aparentemente conflitantes. Isso foi tentado por Zeller, Brochard, Natorp e outros, com o resultado geral que, considerando-se todas as coisas, eles pensam sem dúvida que Sexto pertenceu à Escola empírica²⁰. As outras referências que ele faz são muito claras para permitir que sua fidelidade à Escola empírica seja posta em dúvida. Ele é chamado um dos líderes do empirismo por Pseudo-Galeno, e sua única obra médica tinha o título *ἐμπειρικὰ ὑπομνήματα*. A opinião dos escritores acima referidos é que a passagem que citamos das *Hipotiposes* não significa necessariamente que Sexto não era um empírico, mas que, como ele era mais cético que médico, deu preferência àquelas doutrinas que eram mais compatíveis com o ceticismo e, conseqüentemente, afirmou que não era absolutamente necessário que um cético que era médico devesse ser um empírico. Natorp considera que o ponto de vista diferente a partir do qual

¹⁹ *Lebensverhältnisse des Sex. Em.*, 36.

²⁰ Brochard, *Op. cit.* Livro IV, 317; Zeller, *Op. cit.*, III, 15; Natorp, *Op. cit.* p. 155.

Sexto julga as Escolas empírica e metódica em suas diferentes obras é explicado pela suposição que ele era um empírico, mas não estava de acordo com aquela escola sobre um único ponto²¹. Natorp indica que Sexto não fala mais favoravelmente da posição médica da Escola metódica, mas simplesmente compara a maneira como ambas as escolas consideravam a questão da possibilidade do conhecimento, e pensa que Sexto poderia ter sido um empírico como um médico, não obstante sua condenação da atitude da Escola empírica em relação à teoria do conhecimento. Essa diferença entre as duas escolas era muito pequena, e sobre um ponto muito sutil e sem importância; na realidade, uma diferença quanto à teoria filosófica, e não quanto à prática médica.

Embora nós concordemos com os autores acima referidos, que Sexto muito provavelmente reconheceu a ligação entre a Escola empírica de medicina e o pirronismo, contudo, deduzir de sua possível ligação com aquela escola a explicação de seu nome dá a ele mais notoriedade como um médico do que é compatível com o que sabemos de sua carreira. A união ininterrupta existente durante muito tempo entre o empirismo e o ceticismo confirmaria naturalmente a opinião que Sexto foi, pelo menos durante a primeira parte de sua vida, um médico daquela escola, e, no entanto, pode ser que ele não tenha sido chamado de Empírico por essa razão. Existe um exemplo nos escritos antigos onde Empírico é conhecido como um simples nome próprio²². Pode ter

²¹ Natorp, *Op. cit.* 157.

²² Pappenheim, *Leb. Ver. Sex. Em.* 6.

sido um nome próprio no caso de Sexto, ou existem muitas outras maneiras em que ele poderia ter se originado, como os que têm estudado a origem dos nomes prontamente admitirão, talvez, na verdade, por causa do título da obra acima mencionada, ἐμπειρικὰ ὑπομνήματα. O principal argumento a favor dessa opinião é que havia outros líderes da Escola cética, a respeito dos quais podemos alegar maior influência como empiristas do que aquela de Sexto, e para os quais o cognome Empírico teria sido mais apropriado, se ele fosse dado em consequência da importância na Escola empírica. Sexto é conhecido por todos como um cético e não como um médico. Ele foi associado mais tarde a Pirro, e suas obras filosóficas sobreviveram, ao passo que seus escritos médicos não, mas são principalmente conhecidos porque ele mesmo os menciona. Além disso, a passagem que citamos das *Hipotiposes* é muito clara para levar-nos facilmente a acreditar que Sexto permaneceu toda sua vida como membro da Escola empírica. Ele dificilmente poderia ter dito, “não ficaria bem para o cético abraçar essa doutrina”, se ao mesmo tempo pertencesse a ela. As suas outras referências à Escola empírica, de um cunho mais favorável, podem ser facilmente explicadas com base na longa e contínua união que tinha existido entre as duas escolas. É totalmente possível supor que Sexto foi um empírico durante certo tempo de sua vida, e que posteriormente julgou a Escola metódica preferível, e semelhante mudança não teria de qualquer maneira afetado sua posição como um médico.

Quanto à época exata em que Sexto Empírico viveu, obtemos muito pouco conhecimento a partir das evidências internas, e as fontes de informações externas são igualmente incertas. Diógenes Laércio deve ter sido uma geração mais jovem que Sexto, pois ele menciona o discípulo de Sexto, Saturnino, como um médico empírico²³. Geralmente se considera a primeira metade do século III d.C. como a época em que Diógenes viveu²⁴. Portanto, não se pode situar Sexto muito depois do início do século. Sexto, entretanto, dirige seus escritos inteiramente contra os dogmáticos, por quem ele claramente afirma que ele quer dizer os estóicos²⁵, e a influência dos estóicos começou a declinar no início do século III d.C. Um fato frequentemente usado como um recurso para determinar a época em que Sexto viveu é a alusão que ele faz a Basílides o estóico²⁶, ἄλλὰ καὶ οἱ στωϊκοί, ὡς οἱ περὶ τὸν Βασιλείδην. Considerou-se que esse Basílides seria o mesmo que foi um dos mestres de Marco Aurélio²⁷. Isso é aceito por Zeller na segunda edição de sua *History of Philosophy*, mas não na terceira, porque Sexto, em toda a obra da qual essa referência é tomada, ou seja, *Adv. Math.* VII-XI., não menciona ninguém além de Enesidemo, que viveu depois da metade do século I a.C.²⁸ O Basílides referido por Sexto pode ser o mesmo mencionado numa lista de vinte estóicos, num fragmento de Diógenes Laércio, publicado

²³ Dióg. IX, 12, 116.

²⁴ Ueberweg, *Hist. of Phil.* p. 21.

²⁵ *Hip.* I, 65.

²⁶ *Adv. Math.* VIII, 258.

²⁷ Fabricius, *Vita Sexti*.

²⁸ Zeller, *Op. cit.* III. 8.

em Berlim, em 1886, por Val Rose²⁹. Tem sido dada muita importância, entretanto, para a relação da menção de Basílides o estóico com o problema da época em que Sexto viveu. Mesmo que se admita que o Basílides mencionado por Sexto foi o mestre de Marco Aurélio, isso serve somente para mostrar que Sexto ou viveu na mesma época que Marco Aurélio ou depois dele, o que é uma conclusão que devemos em qualquer caso alcançar por outras razões.

O fato que tem causado a maior incerteza quanto à época em que Sexto viveu é que Cláudio Galeno em suas obras menciona vários céticos que eram também médicos da Escola empírica³⁰, e frequentemente fala de Heródoto, supostamente o mesmo que foi, segundo Diógenes Laércio³¹, mestre de Sexto, mas não faz nenhuma referência que seja a Sexto. Como a época em que Galeno viveu ultrapassa o limite do século II d.C., devemos ou inferir que Sexto não era o médico tão conhecido como Pseudo-Galeno afirmou que ele era, e, conseqüentemente, não era conhecido de Galeno, ou que Galeno escreveu antes de Sexto tornar-se conhecido como um cético. Esse silêncio da parte de Galeno relativamente a Sexto aumenta a dúvida, causada pela própria crítica de Sexto à Escola empírica de medicina, quanto a ele ter sido um empírico. A questão tornou-se mais complicada, pois é difícil fixar a identidade do Heródoto que é tão frequentemente mencionado por

²⁹ Brochard, *Op. cit.* IV, 315.

³⁰ Zeller, III. 7.

³¹ Dióg. XI, 12, 116.

Galeno³². Como Galeno morreu por volta de 200 d.C., com a idade de setenta anos³³, deveríamos fixar a época em que Sexto viveu no início do século III, e a de Diógenes talvez um pouco depois da metade, pois foi somente no início do século III que os estóicos passaram a ter menos influência, e dificilmente poderiam ter despertado a grande animosidade revelada por Sexto. Devemos então supor que Sexto escreveu na exata segunda metade do século II, e ou que Galeno não o conheceu ou que os livros de Galeno foram publicados antes de Sexto tornar-se conhecido ou como um médico ou como um cético. O fato que ele pode ter sido mais conhecido como cético do que como médico não explica suficientemente o silêncio de Galeno, pois outros cétricos menos importantes que Sexto são mencionados por ele, e este, mesmo se não tão importante como médico como Pseudo-Galeno afirma, era certamente tanto um cético como um médico, e deve ter pertencido a uma das duas escolas médicas muito amplamente discutidas por Galeno – ou a empírica ou a metódica. Portanto, se Sexto foi um contemporâneo de Galeno, ele estava tão afastado do círculo dos conhecidos de Galeno que não causou qualquer impressão sobre ele, seja como um cético, seja como um médico, uma suposição que é muito improvável. Devemos então fixar a época em que Sexto viveu perto do final do século II, e concluir que o ápice de sua carreira pública foi atingido depois que Galeno tinha terminado as obras de sua autoria que ainda sobrevivem.

³² Pappenheim, *Lebens. Ver. Sex. Em.* 30.

³³ Zeller, *Grundriss der Ges. der Phil.* p. 260.

Sexto tem um nome latino, mas ele era grego; sabemos isso com base em sua própria afirmação³⁴. Sabemos também que ele deve ter sido um grego por causa da beleza e simplicidade de seu estilo, e por causa de seu conhecimento dos dialetos gregos. O lugar de seu nascimento pode somente, entretanto, ser conjecturado, de argumentos deduzidos indiretamente de seus escritos. As frequentes referências, em todas as suas obras, aos costumes precisos de diferentes nações deveriam nos fornecer uma chave para a solução desse problema, mas é estranho dizer que elas não nos forneceram uma chave decisiva. Dentre essas referências um grande número, entretanto, refere-se aos costumes da Líbia, revelando um conhecimento detalhado relativamente aos costumes políticos e religiosos desse país que ele não revela quanto a nenhum outro país a não ser o Egito³⁵. Fabricius pensa que a Líbia não era seu lugar de nascimento por causa de uma referência que ele faz a ela nas *Hipotiposes* – Θρακῶν δ καὶ Γαιτούλων (Λιβύων δ ἔθνος τοῦτο)³⁶. Essa conclusão é, entretanto, completamente infundada, pois a explicação de Sexto simplesmente mostra que as pessoas a quem ele estava então se dirigindo não estavam familiarizadas com a Líbia. Suidas fala de dois homens chamados Sexto, um de Queroneia e um da Líbia, ambos os quais ele chama de cétricos, e a um deles lhe atribui os livros de Sexto. Todas as autoridades estão de acordo em afirmar que existe uma grande confusão nas obras de Suidas; e Fabricius, Zeller

³⁴ *Adv. Math.* A. 246; *Hip.* I, 152; *Hip.* III, 211, 214.

³⁵ Haas, *Op. cit.* p. 10.

³⁶ *Hip.* III, 213.

e Pappenheim não dão nenhum valor a esse testemunho de Suidas³⁷. Haas, entretanto, afirma³⁸ que não é razoável supor que essa confusão poderia chegar ao ponto de atribuir os escritos de Sexto Empírico à Sexto de Queronéia, e também julga o último um cético, e considera muito mais razoável aceitar o testemunho de Suidas, pois ele coincide perfeitamente com as evidências internas dos escritos de Sexto quanto a seu país de origem. É não obstante evidente, a julgar pela sua familiaridade com os costumes, com a linguagem e as leis de Atenas, Alexandria e Roma, que ele deve ter residido algum tempo em cada uma dessas cidades.

De todos os problemas relacionados com os detalhes históricos da vida de Sexto, aquele que é mais difícil de resolver, e também o mais importante para nosso presente objetivo de fazer um estudo crítico de seu ensinamento, é determinar a sede da Escola cética durante o tempo em que ele foi encarregado dela. As *Hipotiposes* são aulas dadas em público naquele período de sua vida. Onde então foram dadas? Sabemos que a Escola cética deve ter tido uma existência bastante longa como um movimento filosófico definido, embora alguns tenham afirmado o contrário. Que ela existiu como uma direção organizada de pensamento é demonstrado pela formulação de seus ensinamentos, pela lista fornecida por Diógenes Laércio de seus principais líderes³⁹, e pelas referências dos escritos de Sexto. No primeiro livro das

³⁷ Pappenheim, *Lebens. Ver. Sex. Em.* 5, 22; Zeller, *Op. cit.* III, 39; Fabricius, *Vita de Sextus*.

³⁸ Haas, *Op. cit.* p. 6.

³⁹ Dióg. XI, 12, 115, 116.

Hipotiposes ele se refere ao ceticismo como um sistema filosófico distinto, καὶ τὴν διάκρισιν τῆς σκέψεως ἀπὸ τῶν παρακειμένων αὐτῇ φιλοσοφιῶν⁴⁰. Ele fala também dos cétricos mais antigos⁴¹, e dos cétricos mais recentes⁴².

Pirro, o fundador da escola, ensinou em Élis, sua cidade natal; mas, certamente, já na época de Timão, seu seguidor imediato, seus ensinamentos foram de algum modo conhecidos em Alexandria, onde Timão residiu por certo tempo⁴³. Os discípulos imediatos de Timão, como apresentados por Diógenes, não eram homens conhecidos na Grécia ou mencionados nos escritos gregos. Além disso, temos o testemunho bastante conhecido de Aristocles o peripatético relativamente a Enesidemo, de que ele ensinou o pirronismo em Alexandria⁴⁴ – ἐχθ ς καὶ πρώην ἐν Ἀλεξανδρείᾳ τῇ κατ' Αἴγυπτον Αἰνησίδημός τις ἀναζωπυρεῖν ἤρξατο τὸν ὕθλον τοῦτον.

Esta seria posteriormente a tendência dogmática da Academia sob a direção de Antíocos, e seus seguidores tinham conduzido o pirronismo a partir da união parcial com a Academia, a qual tinha experimentado depois a ruptura da Escola sob a direção dos sucessores imediatos de Timão. Enesidemo ensinou por volta do início de nossa era em Alexandria, e estabeleceu a escola lá mais uma vez; e se fala de seus seguidores de uma maneira que pressupõe sua continuidade no mesmo lugar. Existe toda

⁴⁰ *Hip.* I, 5.

⁴¹ *Hip.* I, 36.

⁴² *Hip.* I, 164.

⁴³ Chaignet, *Op. cit.* 45.

⁴⁴ Aristocles, *apud** Euseb., *Praep. Ev.* XIV, E, 446.

razão para pensar que a ligação de Sexto com Alexandria era uma ligação íntima, não só porque Alexandria tinha sido durante muito tempo a sede do pirronismo, mas também por causa das evidências internas de seus escritos e de sua subsequente influência histórica; e, contudo, as *Hipotiposes* não poderiam ter sido escritas em Alexandria, pois ele freqüentemente se refere àquele lugar comparando-o com o lugar de onde ele está então falando. Ele diz, além disso, que ele ensina no mesmo lugar onde seu mestre ensinou⁴⁵. βλέπων τε ὅτι ἔνθα ὁ ὑφηγητῆς ὁ ἐμὸς διελέγετο, ἐνταῦθα ἐγὼ νῦν διαλέγομαι. Portanto, a escola deve ter sido transferida de Alexandria, antes ou durante a época em que o mestre de Sexto viveu, para algum outro centro. As *Hipotiposes* são do início ao fim um ataque direto contra os dogmáticos; portanto, Sexto deve ter ensinado em alguma cidade onde a filosofia dogmática era forte, ou em algum centro filosófico rival. As *Hipotiposes* revelam também que o escritor tinha acesso a uma grande biblioteca. Alexandria, Roma e Atenas são os três lugares mais prováveis de escolha para semelhante objetivo. Por seja qual for a razão pela qual a sede da escola foi transferida de Alexandria pelo mestre de Sexto, ou por ele mesmo, do lugar onde ela tinha estado durante muito tempo unida à Escola empírica de medicina, Atenas pareceria a cidade mais provável para sua continuação, na terra onde o pirronismo nasceu pela primeira vez. Sexto, entretanto, num exemplo, quando se refere às coisas invisíveis por causa de suas relações exteriores, diz, para ilustrar, “como a cidade de Atenas é atualmente

⁴⁵ *Hip.* III, 120.

invisível para nós”⁴⁶. Em outras passagens também ele compara os atenienses com as pessoas a quem ele está se dirigindo. Ele procede da mesma maneira em relação aos alexandrienses, colocando Atenas, deste modo, assim como Alexandria, fora de questão.

Dentre os diversos autores que escreveram sobre Sexto Empírico, aqueles que trataram essa parte do assunto de maneira mais crítica são Haas e Pappenheim. Por esse motivo, consideremos mais extensamente os resultados apresentados por esses dois autores. Haas pensa que as *Hipotiposes* foram ministradas em Roma pelas seguintes razões. As aulas de Sexto devem ter sido dadas em algum centro de ensino e aprendizagem filosóficos. Ele nunca contrapõe referências romanas àquelas dos lugares de onde ele está falando, como ele faz quanto a Atenas e Alexandria. Ele usa o nome “romanos” somente três vezes⁴⁷: uma ao compará-los com os rodianos, outra com os persas, e outra em geral com outras nações⁴⁸. Nas primeiras duas dessas referências a expressão “entre os romanos” na primeira parte da antítese é seguida pela expressão, “entre nós”, na segunda parte, que Haas interpreta como sendo sinônima. A terceira referência é em relação ao direito romano, e o uso da palavra “romano” não mostra de modo algum que Sexto não estava então em Roma. O caráter das leis mencionadas por Sexto como $\pi\alpha\rho' \eta\mu\acute{\iota}\nu$ mostra que elas eram sempre leis romanas, e a sua

⁴⁶ *Hip.* II, 98.

⁴⁷ Haas, *Op. cit.* p. 15.

⁴⁸ *Hip.* I, 149, 152; III, 211.

definição de lei⁴⁹ é particularmente uma definição do direito romano. Esse argumento poderia aplicar-se, ao que parece, a qualquer parte do Império Romano, mas Haas alega que toda a relação da lei com o costume, como tratada por Sexto, e todas as suas afirmações sobre os costumes proibidos naquela época pela lei, apontam para Roma como o lugar de sua residência. Além disso, Haas considera que o Heródoto mencionado por Galeno⁵⁰ como um conhecido médico em Roma – lugar onde Sexto diz que está ensinando – foi o predecessor e mestre de Sexto⁵¹. Haas pensa também que a refutação por parte de Sexto da identificação do pirronismo com o empirismo refere-se evidentemente a um parágrafo da *Subfiguratio empirica*⁵², que seria natural se as *Hipotiposes* fossem escritas logo depois da *Subfiguratio empirica*, de Galeno, e no mesmo lugar. Além disso, Hipólito, que escreveu em Roma ou perto de Roma logo depois da época em que Sexto viveu, usou, aparentemente, as *Hipotiposes*, o que seria mais natural se ele compôs no mesmo lugar. De acordo com Haas, todas as evidências internas e os testemunhos externos indicam que Roma foi a cidade onde Sexto ocupou sua posição como chefe da Escola cética.

Passando agora para a posição de Pappenheim sobre esse assunto, descobrimos que, em seu último trabalho⁵³, ele se posiciona decididamente contra a

⁴⁹ *Hip.* I, 146.

⁵⁰ Galen, *de puls.* IV, 11; parte VIII, 751.

⁵¹ *Hip.* III, 120.

⁵² Galen, *Sub. Em.* 123 B-126 D. (Basileae, 1542).

⁵³ Pappenheim, *Sitz der Skeptischen Schule. Archiv für Geschichte der Phil.*, 1888.

opinião de que Roma foi, mesmo por um curto período, a sede da Escola cética. Essa opinião é o resultado de um estudo posterior da parte de Pappenheim, pois num estudo anterior, *Lebensverhältnisse des Sextus Empiricus*, Berlin 1875, ele diz, “Dass Herodotus in Rom lebte sagt Galen. Vermuthlich auch Sextus.” As razões que ele fornece no artigo posterior para não relacionar a Escola cética de modo algum com Roma são as seguintes. Ele não encontra nenhuma prova da influência do ceticismo em Roma, pois Cícero comenta que o pirronismo está extinto⁵⁴, e ele também dá importância ao bastante conhecido dito sarcástico de Sêneca, *Quis est qui tradat praecepta Pyrrhonis!*⁵⁵. Enquanto Haas sustenta que Sexto procuraria naturalmente um dos centros do dogmatismo a fim de combatê-lo de maneira mais efetiva, Pappenheim, ao contrário, sustenta que teria sido loucura da parte de Sexto pensar em estabelecer a Escola cética em Roma, onde o estoicismo era a filosofia protegida dos imperadores romanos; e quando, em razão de uma possível disputa entre as escolas empírica e metódica, ou por alguma outra causa, a Escola pirrônica foi transferida de Alexandria, Pappenheim sustenta que todos os testemunhos apontam para a conclusão de que ela foi fundada em alguma cidade do Oriente. O nome de Sexto nunca é citado na literatura romana, mas no Oriente, ao contrário, a literatura fala durante séculos de Sexto e Pirro. As *Hipotiposes*, especialmente, eram bastante conhecidas no Oriente, e referências a Sexto são encontradas nos escritos dogmáticos filosóficos e

⁵⁴ Cícero, *De Orat.* III, 17, 62.

⁵⁵ Sêneca, *nat. qu.* VII, 32. 2.

religiosos. O imperador Juliano faz uso das obras de Sexto, e ele é frequentemente citado pelos eclesiásticos da Igreja Oriental⁵⁶. Pappenheim, por conseguinte, conclui que a sede do pirronismo, depois que a escola foi transferida de Alexandria, era em alguma cidade desconhecida do Oriente.

Considerando a força desses argumentos, devemos aceitar com Pappenheim a estreita relação do pirronismo com Alexandria, e a subsequente influência que ele exerceu sobre a literatura do Oriente. Todas as relações históricas tendem a fixar a sede permanente do pirronismo, depois de sua separação da Academia, em Alexandria. Não há nada que indique sua transferência de Alexandria antes da época de Menôdotos, que é o mestre de Heródoto⁵⁷, e por muitas razões considerado o verdadeiro mestre de Sexto. Foi Menôdotos quem aperfeiçoou as doutrinas empíricas; quem efetuou uma união oficial entre o ceticismo e o empirismo; quem deu ao pirronismo, em grande medida, o *éclat*⁵⁸ que ele desfrutou em Alexandria; e quem parece ter sido a influência mais poderosa na escola desde a época de Enesidemo até a de Sexto. Além disso, a familiaridade de Sexto com os costumes de Alexandria dá a impressão de conhecimento direto, e não pode, como Zeller sugere, ser aceito como simples citação. Dificilmente se poderia concordar com Zeller⁵⁹ que a familiaridade revelada por Sexto com os costumes tanto de Alexandria como de

⁵⁶ Fabricius, *de Sexto Empirico Testimonia*.

⁵⁷ Dióg. IX, 12, 116.

⁵⁸ Esplendor, em francês no original. (N. do T.)

⁵⁹ Zeller, *Op. cit.* III, p. 39.

Roma nas *Hipotíposes* não mostra necessariamente que ele alguma vez viveu em ambos os lugares, porque uma grande parte de suas obras consiste de compilações de outros livros; mas, ao contrário, o leitor cuidadoso das obras de Sexto deve encontrar em todas elas muitas evidências de um conhecimento pessoal de Alexandria, de Atenas e de Roma.

Um parte dos livros de Sexto também pode ter sido escrita em Alexandria. Πρὸς φυσικοὺς pode ter sido escrita em Alexandria⁶⁰. Se eles constituíam também aulas expositivas, então Sexto ensinou em Alexandria assim como em outro lugar. A história da literatura Oriental durante os séculos imediatamente seguintes a época de Sexto, ao mostrar, como ela o faz, muitos exemplos da influência do pirronismo, e um conhecimento das *Hipotíposes*, nos fornece uma prova incontestável de que a escola não pode ter estado durante muito tempo afastada do Oriente, e a ausência de tal conhecimento na literatura romana é também um argumento forte contra sua longa permanência naquela cidade. Parece, entretanto, a julgar por todos os dados à disposição, que durante os anos que a Escola cética esteve afastada de Alexandria, sua sede estava em Roma, e que as *Hipotíposes* foram ministradas em Roma. Permitam-me brevemente considerar os argumentos a favor de tal hipótese. O ceticismo não era desconhecido em Roma. Pappenheim cita o comentário de Cícero que o pirronismo estava há muito tempo morto, e o dito irônico de Sêneca, *Quis est qui tradat praecepta Pyrrhonis?*

⁶⁰ Pappenheim, *Sitz der Skeptischen Schule; Archiv für Geschichte der Phil.*, 1888; *Adv. Math.* X, 15, 95.

como um argumento contra o conhecimento do pirronismo em Roma. Devemos lembrar, entretanto, que na época de Cícero Enesidemo ainda não tinha se separado da Academia; ou se considerarmos Lúcio Tubero a quem Enesidemo dedicou suas obras, como o mesmo Lúcio Tubero que era o amigo de Cícero em sua juventude, e de acordo com isso fixarmos a época que Enesidemo viveu por volta de 50 a.C.⁶¹, mesmo nesse caso a obra de Enesidemo em Alexandria seria muito tardia para necessariamente ter sido conhecida por Cícero, cujo comentário deve ter sido referente à velha escola do ceticismo. Se admitirmos, porém, que as afirmações de Cícero e de Sêneca provam que em sua época o pirronismo estava extinto em Roma, elas certamente não mostram que depois de sua morte ele não poderia ter revivido outra vez, pois as *Hipotiposes* foram proferidas mais que um século depois da morte de Sêneca. Há muito poucos autores na própria época de Enesidemo que revelam alguma influência de seus ensinamentos⁶². Essa influência foi sentida mais tarde, quando o pirronismo tornou-se mais conhecido. Que o pirronismo recebeu alguma atenção em Roma antes da época de Sexto é, não obstante, demonstrado pelos ensinamentos de Favorinos nesse lugar. Embora Favorinos fosse conhecido como um Acadêmico, o título de sua principal obra era τοὺς φιλοσοφούμενους αὐτῷ τῶν λόγων, ὧν ἄριστοι οἱ Πυρρόνειοι⁶³. Suidas chama Favorinos de um grande autor, versado em

⁶¹ Zeller, *Op. cit.* III, 10.

⁶² Zeller, *Op. cit.* p. 63.

⁶³ Zeller, *Op. cit.* p. 67.

todas as ciências e em filosofia⁶⁴, e Favorinos fez de Roma o centro de seu ensino e de sua ocupação literária. Sua data é fixada por Zeller em 80-150 d.C., portanto, o pirronismo era conhecido em Roma um pouco antes da época de Sexto.

Todo o tom das *Hipotiposes*, com as constantes referências aos estóicos como adversários contemporâneos e vivos, revela que essas aulas expositivas devem ter sido dadas num dos centros do estoicismo. Como Alexandria e Atenas estão fora de questão, todas as evidências apontam para Roma como tendo sido a sede da escola pirrônica, durante pelo menos uma parte do tempo que Sexto esteve à sua frente. Devemos então admitir que o mestre de Sexto, que segundo este teria ensinado em Roma, foi o Heródoto frequentemente mencionado por Galeno⁶⁵, o qual viveu em Roma. As freqüentes referências de Sexto a Asclépio, que ele menciona dez diferentes vezes pelo nome em suas obras⁶⁶, conta a favor de Roma na questão em discussão, pois Asclépio fez essa cidade um dos centros da cultura médica. Por outro lado, o fato que não existe nenhuma indicação da presença das *Hipotiposes* na literatura romana mais recente, com a única exceção das obras de Hipólito, ao contrário do difundido conhecimento delas revelado no Oriente durante séculos, é uma prova histórica incontestável de que a Escola cética não pode ter tido sua sede em Roma. A julgar pelas duas passagens apresentadas acima da obra

⁶⁴ Brochard, *Op. cit.* 329.

⁶⁵ Galeno, VIII. 751.

⁶⁶ Bekker, *Index*.

de Sexto contra os físicos, ele deve aparentemente ter escrito esse livro em Alexandria ou ter citado tais passagens a partir de alguma outra obra. Nós não podemos concluir, então, que Sexto esteve à frente da escola em Roma por um curto período, de onde pode ter se afastado temporariamente por causa da dificuldade com os empiristas, sugerida nas *Hipotiposes* I, 236-241, ou a fim de estar mais apto a atacar os estóicos, mas que ele também ensinou em Alexandria, onde se encontrava, na verdade, a verdadeira sede da escola? Ela provavelmente chegou a um fim por volta de cinquenta anos depois da época em que Sexto viveu, e a partir daquele centro as obras céticas de Sexto tiveram sua difundida influência no Oriente.

Os livros de Sexto Empírico nos fornecem a melhor e mais completa apresentação do ceticismo antigo que foi preservada para os tempos modernos, e dá a Sexto a posição de um dos mais importantes representantes da escola cética. Suas obras que ainda sobrevivem são as *Hipotiposes pirrônicas*, em três livros, e as duas obras que compreendem 11 livros que foram reunidos mais tarde sob o título de *πρὸς μαθηματικούς*, uma das quais é dirigida contra as ciências em geral, e a outra contra os filósofos dogmáticos. Os seis livros que compõem a primeira dessas obras são escritos respectivamente contra os gramáticos, os retóricos, os geômetras, os aritméticos, os astrônomos e os músicos. Os cinco livros da segunda consistem de dois contra os lógicos, dois contra os físicos e um contra os sistemas morais. Se a última e curta obra do primeiro livro dirigido contra os aritméticos fosse

juntada com a precedente contra os geômetras, como aparentemente poderia ser, as duas obras juntas seriam divididas em dez partes diferentes; existem evidências que mostram que na Antigüidade tal divisão era feita⁶⁷. Existiam duas outras obras de Sexto que estão agora perdidas, a obra médica antes mencionada e um livro intitulado *περὶ ψυχῆς*. A natureza das obras existentes de Sexto é semelhante, pois elas são todas dirigidas ou contra a ciência ou contra os dogmáticos, e elas todas exibem o lado negativo do pirronismo. A vasta série de argumentos abarcando o assunto, frequentemente repetidos da mesma forma ou de formas diferentes, são evidentemente extraídos em grande medida das obras céticas que Sexto tinha utilizado, e são, na realidade, um resumo de toda a sabedoria da Escola cética. O estilo desses livros é fluente, e o grego empregado faz lembrar de Plutarco e Tucídides, e embora Sexto não reivindique originalidade, mas apresente em todos os casos os argumentos dos céticos, contudo, os exemplos e a forma em que os argumentos são apresentados, frequentemente revelam as marcas de seu próprio pensamento e são caracterizadas aqui e ali por uma riqueza de humor que não tem sido suficientemente notada nas obras críticas sobre Sexto. De todos os autores que examinaram Sexto, Brochard é o único que parece ter compreendido e apreciado seu lado humorístico.

Passaremos agora ao exame da posição geral e do objetivo do pirronismo.

⁶⁷ Dióg. IX, 12, 116.

CAPÍTULO 2

A posição e o objetivo do pirronismo

O primeiro volume das *Hipotiposes pirrônicas* fornece o mais completo balanço encontrado em qualquer uma das obras de Sexto Empírico dos ensinamentos do pirronismo e de sua relação com outras escolas filosóficas. A principal fonte do tema apresentado é uma obra do mesmo nome de Enesidemo⁶⁸, seja diretamente usada por Sexto, ou através dos escritos dos seguidores de Enesidemo. O título completo Πυρρῶνειοι ὑποτυπώσεις foi muito provavelmente usado em geral para designar aulas expositivas dadas pelos líderes da Escola cética.

Nos capítulos iniciais das *Hipotiposes* Sexto tenta definir a posição e o objetivo do pirronismo⁶⁹. Ao introduzir o assunto ele trata brevemente das diferenças entre as escolas filosóficas, dividindo-as em três classes: aquelas que alegam que encontraram a verdade, como as escolas de Aristóteles, de Epicuro e dos estóicos; aquelas que negam a possibilidade de encontrá-la, como a dos acadêmicos; e aquelas que ainda a procuram, como a Escola cética. A acusação contra os acadêmicos, que eles negavam a possibilidade de descobrir a verdade, era uma acusação que os cétricos gostavam muito de fazer. Nós discutiremos depois se ela é justa, simplesmente observando aqui que afirmar a “incompreensibilidade do

⁶⁸ Dióg. IX, 11, 78.

⁶⁹ *Hip.* I, 3, 4.

desconhecido” era uma forma de se expressar a qual os próprios pirrônicos às vezes incorriam, não obstante seu cuidado de evitar afirmações dogmáticas⁷⁰.

Depois de definir os três tipos de filosofia como a dogmática, a acadêmica e a cética, Sexto lembra a seus ouvintes que ele não fala dogmaticamente em nada do que ele diz, mas que pretende simplesmente apresentar os argumentos céticos historicamente, e como eles lhe aparecem. Ele caracteriza seu tratamento do assunto como geral em vez de crítico, incluindo um balanço da natureza do ceticismo, de sua ideia, de seus princípios, de sua maneira de raciocinar, de seu critério e objetivo, uma apresentação dos tropos, ou aspectos da dúvida, as fórmulas céticas e a distinção entre o ceticismo e as escolas filosóficas aparentadas⁷¹.

O resultado de todas as mudanças graduais que o desenvolvimento do pensamento produziu nas relações externas da Escola cética foi aumentar a seriedade da reivindicação dos céticos de serem simplesmente seguidores de Pirro, o famoso fundador do movimento. Quando discute os nomes dados aos céticos, Sexto dá preferência muito claramente ao título “pirrônico”, porque Pirro parece o melhor representante do ceticismo, e o mais importante de todos os que antes dele se ocuparam com o ceticismo⁷².

Era uma questão muito discutida entre os filósofos da Antigüidade, se o pirronismo deveria ser considerado uma seita filosófica ou não. Assim, nós

⁷⁰ *Adv. Math.* VIII, 191.

⁷¹ *Hip.* I, 5, 6.

⁷² *Hip.* I, 7.

descobrimos que Hipóboto, em sua obra intitulada *περὶ αἰρέσεων*, escrita um pouco antes de nossa era, não inclui o pirronismo entre as outras seitas⁷³. O próprio Diógenes, depois de alguma hesitação ao comentar que muitos não o consideram uma seita, finalmente decide chamá-lo assim⁷⁴.

Sexto, quando discute o assunto, chama o ceticismo um *ἄγωγῇ*, ou um movimento, em vez de uma *αἵρεσις*, dizendo que o ceticismo não é uma seita, se essa palavra implica um arranjo sistemático de dogmas, pois o cético não tem dogmas. Se, entretanto, seita significa simplesmente os adeptos de certo sistema de raciocínio de acordo com o que parece ser verdadeiro, então o ceticismo é uma seita⁷⁵. A partir de uma citação sobre Enesidemo apresentada mais tarde por Sexto, sabemos que Enesidemo usou o termo *ἄγωγῇ*⁷⁶. Sexto cita também as outras denominações, bastante conhecidas, que foram aplicadas ao ceticismo, ou seja, *ζητητική*, *ἐφεκτική*, e *ἀπορητική*⁷⁷. A *δύναμις*⁷⁸ do ceticismo é opor as coisas dos sentidos e do intelecto umas às outras de todas as maneiras possíveis, e através da igual força das coisas opostas, ou *ἰσοσθένεια*, alcançar primeiro o estado de suspensão do juízo, e depois a ataraxia, ou “repouso e tranqüilidade da alma”⁷⁹. O objetivo do ceticismo é então a esperança da

⁷³ Dióg. *Pro.*, 19.

⁷⁴ Dióg. *Pro.*, 20.

⁷⁵ *Hip.* I, 15, 17.

⁷⁶ *Hip.* I, 210.

⁷⁷ *Hip.* I, 7; Dióg. IX, 11, 70.

⁷⁸ *Hip.* I, 8.

⁷⁹ *Hip.* I, 10.

ataraxia, e sua origem estava no estado mental perturbado ocasionado pela discrepância das coisas e pela incerteza em relação à verdade. Portanto, diz Sexto, homens de grande talento começaram o sistema cético colocando em oposição a todo argumento um argumento igual, conduzindo assim a um sistema filosófico sem um dogma, pois o cético alega que ele não tem nenhum dogma⁸⁰. Não se supõe-se nunca que o cético expressa uma opinião decidida, mas somente diz o que lhe aparece. Mesmo as expressões céticas, tais como “Não mais⁸¹, ou “Não decido nada”⁸², ou “Tudo é falso,” incluem-se elas mesmas junto com as outras coisas. As únicas afirmações que o cético pode fazer dizem respeito à suas próprias sensações. Ele não pode negar que ele sente calor ou frio ou fome.

Sexto responde a acusação de que os céticos negam os fenômenos, refutando-a⁸³. O cético não nega os fenômenos, porque eles são os únicos critérios pelos quais ele pode regular suas ações. “Dizemos que o critério da escola cética é o fenômeno, querendo dizer com isso a ideia que temos a seu respeito”⁸⁴. Os fenômenos são as únicas coisas que o cético não nega, e ele guia sua vida por eles. Eles são, entretanto, subjetivos. Sexto claramente afirma que as sensações são os fenômenos⁸⁵, e que elas consistem na sensibilidade e sentimento voluntário, e que constituem as aparências

⁸⁰ *Hip.* I, 12.

⁸¹ *Hip.* I, 14.

⁸² *Hip.* I, 14.

⁸³ *Hip.* I, 19.

⁸⁴ *Hip.* I, 19.

⁸⁵ *Hip.* I, 22; Dióg. IX, 11, 105.

dos objetos⁸⁶. Nós vemos de acordo com isso que Sexto julga que a única realidade consiste na experiência subjetiva, mas ele não passa disso para sua conclusão lógica, e duvida da existência de qualquer coisa fora da mente. Ele antes admite como certo que existe alguma coisa exterior desconhecida, acerca da qual o cético não pode fazer nenhuma afirmação. Os fenômenos são os critérios de acordo com os quais o cético regula sua vida cotidiana, pois ele não pode viver inteiramente inativo, e eles afetam a vida de quatro maneiras diferentes. Eles constituem o guia da natureza, o impulso dos sentimentos; eles dão origem às tradições dos costumes e às leis, e tornam o ensino das artes importante⁸⁷. De acordo com a tradição das leis e dos costumes, a piedade é um bem na vida cotidiana, mas ela não é em si mesma um bem abstrato. O cético da época de Sexto recomendava também o ensino das artes, como na realidade devia ser o caso com médicos praticantes, como a maioria dos líderes céticos era. Sexto diz, “Não somos inativos nas artes a que nos dedicamos”⁸⁸. Essa era uma tendência positiva a que nenhuma filosofia, por mais negativa, poderia livrar-se, e o cético tentou evitar a inconsistência a esse respeito, separando sua filosofia da sua teoria sobre a vida. Sua filosofia restringia suas opiniões, e sua vida era governada pelos fenômenos.

O objetivo do pirronismo era a ataraxia nas coisas relativas à opinião, e a moderação nas coisas que a

⁸⁶ *Hip.* I, 22.

⁸⁷ *Hip.* I, 23.

⁸⁸ *Hip.* I, 24.

vida impõe⁸⁹. Em outras palavras, encontramos aqui o mesmo desejo natural do ser humano de superar as limitações que a dor e as paixões impõem, o que é expresso de outras maneiras, e com outros nomes, em outras escolas filosóficas. O método, entretanto, pelo qual a ataraxia ou a paz mental pode ser atingida, era peculiar ao cético. É um estado de equilíbrio psicológico que resulta da igualdade da força dos diferentes argumentos que são opostos uns aos outros, e da conseqüente impossibilidade de afirmar em relação a um ou a outro que ele é correto⁹⁰. A descoberta da ataraxia era, em primeiro lugar, aparentemente acidental, pois enquanto o cético suspendia sua opinião, incapaz de decidir que coisas eram verdadeiras, e que coisas eram falsas, seguia-se, como que por acaso, a ataraxia⁹¹. Depois de ter começado a filosofar com o desejo de discriminar entre as ideias, e separar as verdadeiras das falsas⁹², durante a *ἐποχή*, ou suspensão do juízo, seguia-se, como que por acaso, a ataraxia, como a sombra segue o corpo⁹³.

O cético, ao buscar a ataraxia nas coisas opináveis, não está inteiramente isento de sofrer por causa de suas sensações. Ele não vive completamente imperturbado, pois às vezes sente frio e fome, e assim por diante⁹⁴. Ele alega, contudo, que ele sofre menos que o dogmático, que é perturbado por dois tipos de

⁸⁹ *Hip.* I, 25.

⁹⁰ *Hip.* I, 26.

⁹¹ *Hip.* I, 26.

⁹² Dióg. IX, 11, 107.

⁹³ *Hip.* I, 29.

⁹⁴ *Hip.* I, 30.

sofrimento, um devido aos próprios sentimentos, e também por causa da convicção que eles são por natureza um mal⁹⁵. Para o cético, nada é em si mesmo um mal ou um bem, e assim ele pensa que “ele escapa das dificuldades mais facilmente”⁹⁶. Por exemplo, aquele que considera a riqueza um bem em si mesmo é infeliz quando a perde, e na sua posse vive com medo de perdê-la, ao passo que o cético, lembrando o dito cético “não mais,” vive tranqüilo em qualquer condição em que possa se encontrar, visto que a perda da riqueza não é mais um mal do que a posse dela é um bem⁹⁷. Pois aquele que considera algo bom ou mau por natureza está sempre perturbado, e quando aquilo que parece bom não está mais ao alcance dele, ele pensa que é atormentado por aquilo que é naturalmente mau, e continua em busca daquilo que pensa ser bom. Tendo-o adquirido, contudo, não vive mais em repouso, pois sua razão lhe diz que uma mudança inesperada pode privá-lo desse objeto que ele considera um bem⁹⁸. O cético, entretanto, não se esforça nem para evitar nem para buscar algo avidamente⁹⁹.

A ataraxia sobrevém ao cético como o êxito na pintura da espuma da boca de um cavalo sobreveio ao pintor Apeles. Depois de muitas tentativas para pintar a espuma, e de muitos fracassos, ele desistiu desesperado e lançou no quadro a esponja que tinha usado para limpar o pincel. Logo que tocou o quadro ela produziu uma

⁹⁵ *Hip.* I, 30.

⁹⁶ *Hip.* I, 30; *Dióg.* IX, 11, 61.

⁹⁷ *Adv. Math.* XI, 146-160.

⁹⁸ *Hip.* I, 27.

⁹⁹ *Hip.* I, 28.

representação da espuma¹⁰⁰. Portanto, os céticos nunca foram capazes de alcançar a ataraxia examinando as anomalias entre os fenômenos e as coisas do pensamento, mas ela sobrevém para eles por iniciativa própria, justamente quando desesperam de encontrá-la.

A preparação intelectual para produzir a ataraxia consiste em colocar argumentos em oposição uns aos outros, tanto em relação aos fenômenos como em relação às coisas do intelecto. Colocando os fenômenos em oposição aos fenômenos, as coisas intelectuais às coisas intelectuais, e o fenomênico às coisas intelectuais, e *vice versa*, o presente ao presente, passado, e futuro, descobriremos que não existe nenhum argumento que seja incontrovertível. Não é necessário aceitar qualquer afirmação seja qual for como verdadeira, e, conseqüentemente, um estado de ἐποχή pode sempre ser mantido¹⁰¹. Embora a ataraxia seja concernente às coisas opináveis, e deva ser precedida pelo processo intelectual descrito acima, não é ela mesma uma função do intelecto, ou alguma espécie sutil de raciocínio, mas parece ser, em vez disso, uma forma singular de aperfeiçoamento moral, levando à felicidade, ou é ela mesma a felicidade.

O objetivo do ceticismo era o de não saber nada, e não afirmar nada em relação a qualquer assunto, mas ao mesmo tempo não afirmar que o conhecimento de todos os assuntos é impossível, e, conseqüentemente, ter a atitude de investigar continuamente. O ponto de vista do pirronismo era materialista. Nós descobrimos a

¹⁰⁰ *Hip.* I, 28, 29.

¹⁰¹ *Hip.* I, 32-35.

partir das obras de Sexto que ele afirmou a não-existência da alma¹⁰², ou o eu, e negou completamente a existência absoluta¹⁰³. As afirmações introdutórias de Diógenes a respeito do pirronismo estariam de acordo com esse ponto de vista¹⁰⁴.

Não existe nenhum critério de verdade no ceticismo. Não podemos provar que os fenômenos representam objetos, ou descobrir qual é a relação dos fenômenos com os objetos. Não existe nenhum critério que nos diga, dentre todas as diferentes representações do mesmo objeto, e dentre todas as variedades de sensações que surgem através das muitas fases da relatividade das condições que governam a natureza dos fenômenos, qual é verdadeira.

Todo o esforço para descobrir a verdade pode tratar somente dos fenômenos, e a realidade absoluta nunca pode ser conhecida.

¹⁰² *Adv. Math.* VII, 55; *Hip.* II, 32.

¹⁰³ *Adv. Math.* XI, 140.

¹⁰⁴ Dióg. IX, 11, 61.

CAPÍTULO 3

Os tropos cétricos

A exposição dos tropos do pirronismo constitui histórica e filosoficamente a parte mais importante dos escritos de Sexto Empírico. Esses tropos representam a soma total da sabedoria da Escola cética antiga, e gozaram de muita consideração durante séculos, não somente por parte dos pirrônicos, mas também por parte de muitos fora dos estreitos limites dessa escola. No primeiro livro das *Hipotiposes* Sexto apresenta duas classes de tropos: os da ἐποχή e os oito tropos de Enesidemo contra a etiologia.

Os tropos da ἐποχή são dispostos em grupos de dez, cinco e dois, segundo o período da escola cética a que eles pertencem; o primeiro desses grupos, ou os dez tropos da ἐποχή, é historicamente o mais importante, pois está muito mais estreitamente ligado ao desenvolvimento geral do ceticismo do que os posteriores. Pela palavra τρόπος ou tropo, o cético entende uma maneira de pensar, ou forma de argumento, ou modo de ver. Era um termo comum na filosofia grega, usado nesse sentido desde a época de Aristóteles¹⁰⁵. Os estóicos, entretanto, usaram a palavra com um significado diferente daquele atribuído a ela pelos cétricos¹⁰⁶. Stephanus e Fabricius a traduziram pela

¹⁰⁵ Pappenheim, *Erläuterung Pyrrh. Grundzugen*, p. 35.

¹⁰⁶ Dióg I. 76; *Adv. Math.* VIII, 227.

palavra latina *modus*¹⁰⁷, e *τρόπος* também é frequentemente usado alternadamente com a palavra *λόγος* por Sexto, Diógenes Laércio e outros; às vezes também como sinônimo de *τόπος*¹⁰⁸, e *τύπος* é encontrado na edição mais antiga de Sexto¹⁰⁹. Diógenes define a palavra como ponto de vista, ou tipo de argumento, pelo qual os céticos chegam ao estado de dúvida, em consequência da igualdade de probabilidades, e ele chama de tropos os dez tropos da dúvida¹¹⁰. Todos os autores que escreveram sobre o pirronismo depois da época de Enesidemo concederam aos tropos o lugar principal em seu tratamento do assunto. Sexto ocupa dois terços do primeiro livro das *Hipotiposes* com a sua exposição e discussão; e quase um quarto da apresentação que Diógenes faz do ceticismo é dedicado aos tropos. Além desses dois autores, Arístocles o peripatético refere-se a eles em seu ataque ao ceticismo¹¹¹. Favorinos escreveu um livro intitulado *Tropos pirrônicos*, e Plutarco um intitulado *Os dez tropos (τόποι) de Pirro*¹¹². Ambas essas últimas obras estão perdidas.

Todas as autoridades concordam em atribuir a Enesidemo o trabalho de sistematizar e apresentar ao mundo os dez tropos da *ἐποχή*. Ele foi o primeiro a conceber o projeto de opor um sistema filosófico pirrônico organizado ao dogmatismo de seus

¹⁰⁷ Fabricius, Cap. XIV, 7.

¹⁰⁸ *Hip.* I, 36.

¹⁰⁹ Fabricius, in *Hip.* I. 36; Cap. XIV. G.

¹¹⁰ Dióg. IX, 11, 79-108.

¹¹¹ Arístocles, *Euseb. praep. ev.* X, 14, 18.

¹¹² Fabricius, cf. *Hip.* I, 36.

contemporâneos¹¹³. Além disso, o fato de Diógenes introduzir os tropos quando trata da vida de Pirro não significa necessariamente que ele considerava Pirro seu autor, pois Diógenes invariavelmente combina os ensinamentos dos seguidores de um movimento com aqueles dos próprios fundadores; ele apresenta esses tropos depois de falar da obra de Enesidemo intitulada *Hipotiposes pirrônicas* e, aparentemente cita esse livro, ao fazer pelo menos uma parte de sua apresentação do pirronismo, ou diretamente ou por intermédio das obras dos outros. Nietzsche propõe uma correção do texto de Diógenes IX. 11, 79, o que o faria citar os tropos a partir de um livro de Teodósio¹¹⁴, autor de um comentário sobre as obras de Teodas. Nenhum escritor da antiguidade reivindica para os tropos uma fonte mais antiga que os livros de Enesidemo, a quem Aristocles também os atribui¹¹⁵. Eles não são mencionados por Diógenes quando ele escreve sobre a vida de Timão, o discípulo imediato de Pirro. Cícero não tem nenhum conhecimento dos tropos, e não os menciona em sua discussão do ceticismo.

Enesidemo foi indubitavelmente o primeiro a formular esses tropos, mas muitas coisas tendem a mostrar que eles resultaram, na verdade, da gradual classificação dos resultados dos ensinamentos de Pirro, no desenvolvimento subsequente do pensamento de sua própria época até a de Enesidemo. As ideias contidas nos tropos não eram originais de Enesidemo, mas estão mais

¹¹³ Comparar Saisset, *Op. cit.* p. 78.

¹¹⁴ Brochard, *Op. cit.* 254, Nota 4.

¹¹⁵ Aristocles, *Eus. praep. ev.* XIV, 18, 8.

estritamente ligadas ao pensamento das épocas anteriores. O caráter decididamente empírico dos tropos prova essa ligação, pois os oito tropos da etiologia, que são originais de Enesidemo, possuem um caráter dialético mais forte, mostrando assim uma influência dialética mais evidente da Academia do que a encontrada nos tropos da ἐποχή. Muitos dos exemplos dados dos tropos, além disso, dão testemunho de uma época mais antiga do que a de Enesidemo. A palavra tropo era bastante conhecida nos tempos antigos, e o número dez nos faz lembrar os dez princípios de oposição de Pitágoras, e das dez categorias de Aristóteles, a quarta delas era idêntica ao oitavo tropo. A terminologia, entretanto, com bem poucas exceções, indica um período posterior ao de Pirro. Zeller chama a atenção para várias expressões na exposição dos tropos, tanto de Diógenes quanto de Sexto, que não poderiam datar muito antes da época de Enesidemo¹¹⁶. Uma das características mais impressionantes de toda a apresentação dos tropos, especialmente como transmitidos por Sexto, é seu caráter mosaico, caracterizando-os não como a obra de uma pessoa, mas como um desenvolvimento, e, além disso, um desenvolvimento aglutinador, carecendo evidentemente da simetria de pensamento que a obra de uma mente teria mostrado.

Na época da separação do pirronismo da Academia, nenhuma outra força era tão poderosa para dar vida à escola quanto o tratamento sistemático de Enesidemo dos dez tropos da ἐποχή. A razão disso é

¹¹⁶ Zeller, *Op. cit.* p. 25.

evidente. Não que as ideias dos tropos céticos fossem originais de Enesidemo, mas porque uma declaração positiva de crença constitui sempre uma influência mais poderosa do que princípios que são vagamente compreendidos e aceitos. Existe sempre, entretanto, o perigo para o cético, ao fazer uma afirmação mesmo dos princípios do ceticismo, de que o resultado psicológico seja uma tendência dogmática da mente, como veremos mais tarde que foi o caso até mesmo com o próprio Enesidemo. Que a Escola cética não escapou da acusação de dogmatizar feita pelos dogmáticos, ao expor as bases de seu ceticismo, nós sabemos a partir de Diógenes¹¹⁷. Para evitar essa tendência dogmática dos dez tropos, Sexto faz a freqüente afirmação de que ele não afirma que as coisas são absolutamente verdadeiras, mas as relata como elas lhe aparecem, e que elas podem ser diferentes do que ele disse¹¹⁸.

Sexto nos diz que “alguns tropos, em número de dez, para produzir o estado de ἐποχή, foram transmitidos pelos céticos antigos”¹¹⁹. Ele os menciona em outra obra como os “tropos de Enesidemo”¹²⁰. Não existe nenhuma evidência de que a substância desses tropos foi alterada depois da época de Enesidemo, embora muitos dos exemplos fornecidos por Sexto sejam de uma data posterior, acrescentados durante os dois séculos que decorreram entre a época de Enesidemo e Sexto. Ao apresentar esses tropos Sexto não alega

¹¹⁷ Dióg. IX, 11, 102.

¹¹⁸ *Hip.* I, 4, 24.

¹¹⁹ *Hip.* I, 36.

¹²⁰ *Adv. Math.* VII, 345.

oferecer uma classificação metódica e sistemática, e encerra sua lista deles, na sua forma concisa original, com a observação, “nós mesmos estabelecemos essa ordem”¹²¹. A ordem é apresentada diferentemente por Diógenes, e também por Favorinos¹²². O tropo que Sexto apresenta como o décimo é o quinto apresentado por Diógenes, o sétimo de Sexto é o oitavo apresentado por Diógenes, o quinto de Sexto, o sétimo de Diógenes, o décimo de Diógenes, o oitavo de Sexto. Diógenes diz que aquele que ele apresenta como o nono, Favorinos classifica como oitavo, e Sexto e Enesidemo como décimo. Essa afirmação não corresponde à lista dos tropos que Sexto apresenta, provando que Diógenes toma algum outro texto diferente daquele de Sexto como sua autoridade¹²³. A diferença na ordem dos tropos mostra, também, que a ordem não era considerada uma questão de grande importância. Existe um evidente contraste no espírito das duas apresentações dos tropos oferecidas por Sexto e Diógenes. O primeiro transmite-os não apenas como um orador, mas como alguém que sente que ele está defendendo sua própria causa, e a escola da qual ele é o líder, contra inimigos mortais, ao passo que Diógenes relata-os como um historiador.

Papenheim tenta provar¹²⁴ que Enesidemo originalmente transmitiu somente nove tropos em suas *Hipotiposes pirrônicas*, ao passo que Aristocles menciona somente nove ao se referir aos tropos de Enesidemo, e

¹²¹ *Hip.* I, 38.

¹²² Dióg. IX, 11, 87.

¹²³ Dióg. IX, 11, 87.

¹²⁴ Papenheim, *Die Tropen der Griechen*, p. 23.

que o décimo foi acrescentado mais tarde. Se esse tivesse sido o caso, entretanto, o fato seguramente teria sido mencionado ou por Diógenes ou por Sexto, ambos os quais se referem aos dez tropos de Enesidemo.

Os tropos pretendem provar que a natureza dos fenômenos é tão relativa e inconstante que o conhecimento seguro não pode ser baseado neles, e, como mostramos, que não existe nenhum outro critério de conhecimento para o cético a não ser o fenômeno¹²⁵. Todos os tropos, exceto o décimo, relacionam-se com a percepção sensível, e dizem respeito à diferença dos resultados obtidos por meio dos sentidos sob diferentes circunstâncias. Eles podem ser divididos em duas classes, *i.e.*, aqueles baseados nas diferenças de nosso organismo físico, e aqueles baseados nas diferenças externas. À primeira classe pertencem o primeiro, segundo, terceiro e quarto; à segunda classe, o quinto, sexto, sétimo e oitavo, e também o nono. O oitavo, ou o da relação, é aplicado objetivamente tanto por Sexto como por Diógenes em seu tratamento dos tropos, e não é usado para objetos do pensamento apenas, mas principalmente para mostrar a relação dos objetos externos uns com os outros. O décimo é o único que tem um significado moral, e ele tem também um valor subjetivo mais alto que os demais; ele extrai seus argumentos de uma esfera de pensamento inteiramente diferente e trata das contradições das opiniões metafísicas e religiosas, e da questão do bem e do mal. Que esse tropo é um dos mais antigos nós o sabemos por causa da clara menção que Diógenes¹²⁶ faz

¹²⁵ *Hip.* I, 22.

¹²⁶ *Dióg.* IX, 11, 61.

a ele quando aborda a doutrina iniciada por de Pirro. Ao tratar das razões subjetivas para duvidar quanto à natureza da realidade externa, os cétricos estavam muito próximos da negação de toda realidade exterior, uma posição, entretanto, a que eles nunca chegaram completamente.

Existe, evidentemente, muito do próprio pensamento de Sexto misturado com os exemplos dos tropos, mas é impossível separar as partes originais do material daquelas partes que eram propriedade comum da Escola cétrica. Muitos dos exemplos, todavia, mostram perfeita familiaridade com as doutrinas científicas e médicas da época. Antes de iniciar a exposição dos tropos, Sexto os apresenta na forma muito concisa em que eles devem primeiro ter existido¹²⁷.

- (i) Baseados na variedade dos animais.
- (ii) Baseados nas diferenças entre os homens.
- (iii) Baseados nas diferenças na constituição dos órgãos dos sentidos.
- (iv) Baseados nas circunstâncias.
- (v) Baseados na posição, distância e lugar.
- (vi) Baseados nas misturas.
- (vii) Baseados nas quantidades e constituições dos objetos.
- (viii) Relação.
- (ix) Baseados na freqüência ou raridade das ocorrências.
- (x) Baseados nos sistemas, costumes e leis, crenças míticas e opiniões dogmáticas.

¹²⁷ *Hip.* I, 36-38.

Embora Sexto seja cuidadoso para não dogmatizar com respeito à ordem dos tropos, existe, contudo, na classificação que ele faz deles, uma transição gradual dos argumentos baseados nas diferenças dos animais para aquelas existentes nos homens, primeiro considerando os homens quanto à constituição física, e depois quanto às circunstâncias externas a nós, e finalmente o tratamento das diferenças metafísicas e morais.

*O primeiro tropo*¹²⁸. Que não se encontram as mesmas representações mentais nos diferentes animais pode ser inferido das suas diferenças na constituição que resultam de suas diferentes origens, e a partir das diferenças em seus órgãos dos sentidos. Sexto examina os cinco sentidos um depois do outro, fornecendo exemplos para provar os resultados relativos das representações mentais de todos eles, como, por exemplo, a subjetividade da cor¹²⁹ e do som¹³⁰. Todo conhecimento dos objetos por intermédio dos sentidos é relativo e não absoluto. Sexto não se limita, portanto, à impossibilidade do conhecimento certo quanto às qualidades que Locke considera secundárias, mas inclui também as primárias nessa afirmação¹³¹. A forma e o aspecto dos objetos como eles nos aparecem podem mudar mediante a pressão sobre o globo ocular. Além disso, o caráter dos reflexos nos espelhos depende completamente de suas formas, assim como as imagens

¹²⁸ *Hip.* I, 40-61.

¹²⁹ *Hip.* I, 44-46.

¹³⁰ *Hip.* I, 50.

¹³¹ *Hip.* I, 47.

nos espelhos côncavos são muito diferentes daquelas dos convexos; e da mesma maneira como os olhos dos animais são de diferentes formas e abastecidos com diferentes fluidos, as ideias dos cães, dos peixes, dos homens e dos gafanhotos devem ser muito diferentes¹³².

Ao discutir as representações mentais de animais de diferentes graus de inteligência, Sexto revela uma compreensão muito boa do desenvolvimento filogenético dos órgãos dos sentidos, e extrai a conclusão final de que os objetos externos são percebidos diferentemente pelos animais, de acordo com suas diferenças na constituição¹³³. Essas diferenças nas ideias que diferentes animais têm dos mesmos objetos são demonstradas por seus diferentes gostos, pois as coisas desejadas por alguns são fatais para outros¹³⁴. Os exemplos práticos fornecidos a esse respeito mostram uma familiaridade com a história natural, e conhecimento dos gostos e hábitos de muitos animais¹³⁵, mas provavelmente poucos deles eram do próprio Sexto, salvo talvez em sua aplicação; que essa série de raciocínios era propriedade comum da Escola cética nós sabemos a partir do fato que Diógenes começa sua exposição do primeiro tropo de uma maneira similar à de Sexto¹³⁶. Seus exemplos são, entretanto, poucos e escassos comparados àqueles de Sexto, e os fatos científicos usados por ambos podem na maior parte ser

¹³² *Hip.* I, 49.

¹³³ *Hip.* I, 54.

¹³⁴ *Hip.* I, 55.

¹³⁵ *Hip.* I, 55-59.

¹³⁶ Dióg. IX, 11, 79-80.

encontrados em outros autores da Antiguidade, apresentados de uma maneira similar¹³⁷. O resultado lógico do raciocínio usado para explicar o primeiro tropo é que não podemos comparar as ideias dos animais umas com as outras, nem com as nossas próprias; nem podemos provar que nossas ideias são mais fidedignas que aquelas dos animais¹³⁸. Como, portanto, um exame das ideias é impossível, qualquer opinião decidida sobre sua fidedignidade é também impossível, e esse tropo leva à suspensão do juízo ou ἐποχή¹³⁹, relativamente aos objetos externos.

Depois de chegar a essa conclusão, Sexto introduz um longo capítulo para provar que os animais podem raciocinar. Não existe nenhuma referência a isso em Diógenes, mas existe outro testemunho que mostra que essa era uma linha argumentativa favorita dos céticos¹⁴⁰. Sexto, entretanto, diz que seu curso de raciocínio é diferente daquele da maioria dos céticos sobre o assunto¹⁴¹, uma vez que eles usualmente destinam seus argumentos a todos os animais, ao passo que ele escolhe somente um, a saber, o cão¹⁴². Esse capítulo é repleto de ataques irônicos aos dogmáticos, e contém a alusão especial aos estóicos como os maiores oponentes dos céticos, a qual foi mencionada antes¹⁴³.

¹³⁷ Pappenheim, *Erläuterung Pyrr. Grundzüge* Par. 41.

¹³⁸ *Hip.* I, 59.

¹³⁹ *Hip.* I, 61.

¹⁴⁰ *Hip.* I, 238.

¹⁴¹ Comparar Brochard, *Op. cit.* 256.

¹⁴² *Hip.* I, 62-63.

¹⁴³ *Hip.* I, 65.

Sexto sustenta com uma maior liberdade de expressão do que a encontrada em alguns capítulos aparentemente menos originais, e com uma riqueza de exemplos específicos, que o cão é superior ao homem em acuidade perceptiva¹⁴⁴, que ele tem poder de escolha e possui uma arte, a de caçar¹⁴⁵, e, também, não é privado de virtude¹⁴⁶, pois a verdadeira natureza da virtude é mostrar justiça a todos, o que o cão faz conservando lealdade àqueles que são amáveis com ele e mantendo distância daqueles que lhe fazem mal¹⁴⁷. O poder de raciocínio desse animal é provado pela história, tomada emprestada de Crisipo, do cão que chegou a uma confluência de três caminhos ao seguir um rastro. Depois de procurar o rastro em vão em dois caminhos, ele seguiu o terceiro caminho sem cheirá-lo, como resultado de um ativo processo de pensamento que prova que ele compartilha, na famosa dialética de Crisipo¹⁴⁸, as cinco formas de ἀναπόδεικτοι λόγοι, da qual o cão escolheu a quinta. Ou *A* ou *B* ou *C*, não *A* ou *B*, portanto *C*.

O cão e outros animais irracionais podem também possuir linguagem falada, visto que a única prova que temos ao contrário é o fato que não podemos compreender os sons que eles produzem¹⁴⁹. Temos nesse capítulo um exemplo do humor de Sexto, que depois de estender-se sobre o caráter perfeito do cão, observa, “por

¹⁴⁴ *Hip.* I, 64.

¹⁴⁵ *Hip.* I, 66.

¹⁴⁶ *Hip.* I, 67.

¹⁴⁷ *Hip.* I, 67.

¹⁴⁸ *Hip.* I, 69; *Hip.* II, 166; Dióg. VII, 1, 79.

¹⁴⁹ *Hip.* I, 74.

essa razão, parece-me, alguns filósofos honraram-se a si mesmos com o nome desse animal”¹⁵⁰, fazendo, desse modo, uma alusão irônica aos cínicos, especialmente a Antístenes¹⁵¹.

O segundo tropo. Passando para o segundo tropo, Sexto visa provar que mesmo se deixarmos fora de discussão as diferenças das imagens mentais dos animais, não existe suficiente concordância nas imagens mentais dos seres humanos, a ponto de podermos basear nelas quaisquer de nossas afirmações sobre a natureza dos objetos externos¹⁵². Ele tinha anunciado anteriormente que pretendia opor o fenomênico ao intelectual “de todas as maneiras”¹⁵³, de modo que ele começa aqui referindo-se às duas partes das quais se diz que o homem é composto, a alma e o corpo, e continua discutindo as diferenças entre os homens quanto à percepção sensível e às opiniões¹⁵⁴. A maioria dos exemplos fornecidos das diferenças na percepção sensível são exemplos médicos; dentre os mais gerais deles mencionarei somente os dois que são também fornecidos por Diógenes em sua exposição desse tropo¹⁵⁵, isto é, Demofon, o mordomo de Alexandre, que tremia de frio ao sol, e Ândron o argivo, que sentia tão pouca sede que atravessava o deserto da Líbia sem beber nada. Alguns concluíram, por causa da presença do primeiro desses exemplos na exposição dos tropos, que uma parte desse material pelo

¹⁵⁰ *Hip.* I, 72.

¹⁵¹ *Diog.* VI, 1, 13.

¹⁵² *Hip.* I, 79.

¹⁵³ *Hip.* I, 8.

¹⁵⁴ *Hip.* I, 80.

¹⁵⁵ *Dióg.* IX, 11, 80-81.

menos remonta a época de Pirro, pois Pirro, devido à sua intimidade com Alexandre quando ele o acompanhou à Índia, teve muitas oportunidades de observar as excentricidades de seu mordomo Demofon¹⁵⁶. O exemplo de Ândron o argivo, segundo Diógenes¹⁵⁷, é tomado emprestado de Aristóteles.

Passando às diferenças de opinião, temos outro exemplo do humor sarcástico de Sexto quando ele se refere à φυσιογνωμονικὴ σοφία¹⁵⁸ como a autoridade para acreditar que o corpo é uma representação da alma. Assim como os corpos dos homens diferem, do mesmo modo as almas também provavelmente diferem. As diferenças de espírito entre os homens não são mencionadas por Diógenes, a não ser na afirmação geral de que eles escolhem diferentes profissões, ao passo que Sexto entra em pormenores sobre esse ponto, falando das grandes diferenças entre as escolas filosóficas antagônicas, e sobre os objetos de preferência e aversão, bem como sobre as fontes de prazer para diferentes homens¹⁵⁹. Os poetas compreenderam essas marcantes diferenças nos desejos humanos, tal como Homero diz,

“Um homem gosta disso, outro daquilo”.

¹⁵⁶ Comparar *Pyrrhon et le Scepticism primitive*, *Revue phil.*, Paris, 1885, nº. 5; Victor Brochard, p. 521.

¹⁵⁷ Dióg. IX, 11, 81.

¹⁵⁸ *Hip.* I, 85.

¹⁵⁹ *Hip.* I, 87-89.

Sexto cita ainda os belos versos de Píndaro¹⁶⁰,

“Uns se deleitam com honras e coroas adquiridas em corridas de cavalos;
Outros em passar a vida em aposentos ornados de ouro;
Outros se comprazem em viajar, numa nave veloz, sobre as ondas do mar”.

O terceiro tropo. O terceiro tropo limita o argumento às percepções sensíveis de um homem, um dogmático, de preferência, ou a alguém que os dogmáticos consideram sábio¹⁶¹, e afirma que, visto que as ideias fornecidas pelos diferentes órgãos dos sentidos diferem radicalmente de uma maneira que não admitem ser comparadas umas com as outras, eles não fornecem nenhum testemunho confiável quanto à natureza dos objetos¹⁶². “Cada fenômeno percebido por nós parece apresentar-se de muitas formas, como a maçã, lisa, fragrante, avermelhada e doce.” A maçã era evidentemente o exemplo comum fornecido para esse tropo, pois Diógenes usa o mesmo, mas de uma forma muito mais resumida, e não com igual compreensão dos resultados a serem deduzidos dele¹⁶³. A consequência da incompatibilidade das representações mentais produzidas por meio dos vários órgãos dos sentidos pela maçã pode ser a aceitação de uma ou outra das três seguintes proposições: (i) Que somente aquelas qualidades existem na maçã, as quais percebemos. (ii) Que existem mais

¹⁶⁰ *Hip.* I, 86.

¹⁶¹ *Hip.* I, 90.

¹⁶² *Hip.* I, 94.

¹⁶³ Dióg. IX, 11 81.

qualidades. (iii) Que sequer as qualidades percebidas existem¹⁶⁴. Portanto, qualquer experiência que possa originar tais visões diferentes a respeito dos objetos externos não pode contar como um testemunho a seu respeito.

A natureza não-homogênea das imagens mentais conectadas com os diferentes órgãos dos sentidos, como apresentados por Sexto, nos faz recordar a discussão do mesmo assunto por parte de Berkeley em sua *Teoria da visão*.

Sexto diz que um homem que nasceu com um número menor de sentidos do que o usual formaria ideias completamente diferentes do mundo exterior do que aqueles que têm o número usual, e como as ideias que temos dos objetos dependem de nossas imagens mentais, um número maior de órgãos dos sentidos nos forneceria, entretanto, ideias diferentes da realidade exterior¹⁶⁵. O argumento forte dos estóicos contra raciocínios como esse era sua doutrina da harmonia pré-estabelecida entre a natureza e a alma, de modo que quando uma representação de um objeto real é produzida em nós, uma *καταληπτικὴ φαντασία*¹⁶⁶, por meio dessa representação a alma apreende a verdadeira existência. Existe um *λόγος* em nós que é da mesma espécie, *σύγγενος*, ou em relação a toda natureza. Esse argumento da harmonia pré-estabelecida entre as faculdades da alma e os objetos da natureza é um argumento que tem sido usado em todas as épocas para

¹⁶⁴ *Hip.* I, 99.

¹⁶⁵ *Hip.* I, 96-97.

¹⁶⁶ *Adv. Math.* VII, 93.

combater o ensino filosófico que nega que apreendemos o mundo externo como ele é. Ele foi usado contra Kant por seus opositores, que pensaram desta maneira refutar sua doutrina¹⁶⁷. Os céticos não poderiam, é claro, aceitar uma teoria da natureza que incluísse a alma e o mundo exterior num todo harmonioso, mas Sexto, em sua discussão do terceiro tropo, não refuta esse argumento de maneira tão completa como o faz mais tarde em sua obra contra os lógicos.¹⁶⁸ Ele afirma simplesmente aqui que os próprios filósofos não podem concordar quanto àquilo que a natureza é, e, além disso, que o próprio filósofo é parte da discórdia, e que deve ser julgado, antes de habilitar-se a julgar, e que nenhuma conclusão pode ser alcançada por aqueles que são eles mesmos parte da incerteza¹⁶⁹.

O quarto tropo. Esse tropo limita o argumento a cada sentido separado, e considera os efeitos das condições do corpo e da mente sobre a percepção sensível na relação com os vários órgãos dos sentidos¹⁷⁰. Os estados físicos que modificam a percepção sensível são a saúde e a doença, o sono e a vigília, a juventude e a velhice, a fome e a saciedade, a embriaguez e a sobriedade. Todas essas condições do corpo mudam completamente a natureza das imagens mentais, produzindo diferentes juízos sobre a cor, o gosto, a temperatura dos objetos, e sobre a natureza dos sons. Um homem que está adormecido encontra-se num

¹⁶⁷ Ueberweg, *Op. cit.* 195.

¹⁶⁸ *Adv. Math.* VII, 354.

¹⁶⁹ *Hip.* I, 98-99.

¹⁷⁰ *Hip.* I, 100.

mundo diferente daquele em que se encontra alguém acordado, a existência de ambos os mundos sendo relativa à condição de estar acordado ou dormindo¹⁷¹.

Os estados subjetivos que Sexto menciona aqui como modificando o caráter das representações mentais são ódio ou amor, coragem ou medo, tristeza ou alegria e sanidade ou demência¹⁷². Nenhum homem jamais se encontra duas vezes exatamente na mesma condição corporal ou mental, e nunca é capaz de examinar as diferenças de suas ideias em sua totalidade, pois somente as do momento presente são suscetíveis de cuidadoso exame¹⁷³. Além disso, ninguém está livre da influência de todas as condições corporais ou mentais, de modo a ser imparcial ao julgar suas ideias, e não se pode estabelecer nenhum critério passível de ser demonstrado como verdadeiro, mas, pelo contrário, seja qual for o curso perseguido sobre o assunto, tanto o critério como a prova, cairá no *circulus in probando*, pois a verdade do primeiro baseia-se na verdade da segunda, e vice-versa¹⁷⁴.

Diógenes fornece em parte os mesmos exemplos desse tropo, mas de uma forma mais resumida. A característica marcante dessa série de raciocínios é a tentativa de provar que as condições anormais são também naturais. Referindo-se primeiramente aos estados corporais e mentais contrários, que também mudam o caráter da percepção sensível, Sexto os classifica, de acordo com o uso popular, como κατὰ

¹⁷¹ *Hip.* I, 104.

¹⁷² *Hip.* I, 100.

¹⁷³ *Hip.* I, 112.

¹⁷⁴ *Hip.* I, 117.

φύσιν e παρὰ φύσιν. Essa distinção era uma distinção importante, mesmo em Aristóteles, e foi especialmente desenvolvida pelos estóicos¹⁷⁵ num sentido mais amplo do que aquele que se referia meramente à saúde e à doença. Os estóicos, entretanto, consideraram somente as condições normais como sendo de acordo com a natureza. Sexto, ao contrário, declara que estados anormais são também condições em conformidade com a natureza¹⁷⁶, e exatamente como aqueles que têm saúde estão num estado que é natural àqueles que têm saúde, da mesma forma também aqueles que não têm saúde estão num estado que é natural àqueles que não têm saúde, e sob certo ponto de vista em conformidade com a natureza. A existência, então, e a não existência, não são absolutas, mas relativas, e o mundo do sono existe de uma maneira tão verdadeira para aqueles que estão adormecidos quanto as coisas que existem no estado de vigília existem, embora elas não existam no sono¹⁷⁷. Uma representação mental, portanto, não pode ser julgada por outra, a qual se encontra também num estado de relação com condições físicas e mentais existentes. Diógenes expressa esse princípio ainda mais claramente em sua exposição desse tropo. “Os loucos não se encontram numa condição contrária à natureza; por que seu estado seria mais contrário que o nosso? Pois nós também vemos o sol como se ele estivesse parado”¹⁷⁸. Além disso, em diferentes períodos da vida as

¹⁷⁵ Dióg. VII, 1, 86.

¹⁷⁶ *Hip.* I, 103.

¹⁷⁷ *Hip.* I, 104.

¹⁷⁸ Dióg. IX, 11, 82.

ideias variam. As crianças gostam de bolas e bambolês, ao passo que os jovens preferem outras coisas, e os adultos ainda outras¹⁷⁹. A sabedoria contida nesse tropo com referência ao valor relativo das coisas mais desejadas não é original de Sexto, mas encontra-se nos ensinamentos éticos mais importantes dos autores antigos. Sexto, entretanto, não tira qualquer conclusão moral desse raciocínio, mas apenas o emprega como um argumento para a ἐποχή.

O quinto tropo. Esse tropo deixa de lado a discussão da dependência das ideias da natureza física e ocupa-se com a influência do meio sobre elas. Ele considera que a diferença entre as ideias depende da posição, distância e lugar dos objetos, tomando, assim, aparentemente, sua real existência como garantida. As coisas mudam sua forma e aparência de acordo com a distância a partir da qual são observadas, e a posição em que se encontram¹⁸⁰.

A mesma luz ou som muda decididamente em diferentes ambientes. A perspectiva nas pinturas depende do ângulo de colocação do quadro.¹⁸¹ Em Diógenes esse tropo é o sétimo¹⁸², e a exposição que ele faz dele é similar à de Sexto, mas, como usualmente, mais resumida. Tanto Sexto como Diógenes fornecem o exemplo¹⁸³ do pescoço da pomba, o qual varia de cor em diferentes graus de inclinação – um exemplo usado por

¹⁷⁹ *Hip.* I, 106.

¹⁸⁰ *Hip.* I, 118.

¹⁸¹ *Hip.* I, 120.

¹⁸² Dióg. IX, 11, 85.

¹⁸³ *Hip.* I, 120; Dióg. IX, 11, 86.

Protágoras também para provar a relatividade da percepção por meio dos sentidos. “O pescoço preto da pomba na sombra parece preto, mas à luz, claro e brilhante”¹⁸⁴. Portanto, uma vez que todos os fenômenos são observados num certo lugar, de uma determinada distância e em conformidade com uma certa posição, e que cada uma dessas relações produz uma grande diferença em relação às imagens mentais, seremos obrigados também por esse tropo a chegar à suspensão do juízo¹⁸⁵.

O sexto tropo. Esse tropo conduz à ἐποχή quanto à natureza dos objetos, porque nenhum objeto jamais pode ser apresentado aos órgãos dos sentidos diretamente, mas deve sempre ser percebido através de algum meio, ou em alguma mistura¹⁸⁶. Essa mistura pode ser uma mistura externa, relacionada à temperatura, ou à densidade do ar, ou da água¹⁸⁷ que circunda o objeto, ou pode ser uma mistura resultante dos diferentes humores dos órgãos dos sentidos¹⁸⁸. Um homem com icterícia, por exemplo, vê as cores diferentemente de uma pessoa saudável. O exemplo da icterícia é um exemplo favorito dos céticos. Diógenes o emprega várias vezes em sua apresentação do ceticismo, e ele aparece em todos os escritos de Sexto, como um exemplo, em oito diferentes passagens¹⁸⁹. A condição do

¹⁸⁴ *Schol. zu Arist.* 60, 18, ed. Brandis; *Pappen. Er. Pyrr. Grundzüge*, p. 54.

¹⁸⁵ *Hip.* I, 121.

¹⁸⁶ *Hip.* I, 124.

¹⁸⁷ *Hip.* I, 125.

¹⁸⁸ *Hip.* I, 126.

¹⁸⁹ Ver o *Index* da edição de Sexto, de Bekker.

órgão do ἡγεμονικόν, ou a faculdade de julgar, pode também causar misturas. Pappenheim pensa que temos aqui a ideia de Kant de *a priori*, só que sobre um fundamento materialista¹⁹⁰. Um exame cuidadoso da passagem, entretanto, revela-nos que o pensamento de Sexto está mais em conformidade com as descobertas da psiquiatria moderna do que com a filosofia de Kant. Se a frase ἴσως δ καὶ αὕτη (ἢ διάνοια) ἐπιμιξίαν τινὰ ἰδίαν ποιεῖται πρὸς τὰ ὑπὸ τῶν αἰσθήσεων ἀναγγελλόμενα¹⁹¹, estivesse sozinha, sem explicação adicional, poderia bem referir-se às leis *a priori* do pensamento, mas a explicação que se segue, ao começar com “porque”, torna isso impossível¹⁹². “Porque em cada um dos lugares onde os dogmáticos pensam que a faculdade de julgar se encontra, percebemos a presença de certos humores, que são a causa das misturas.” Sexto não avança qualquer opinião em relação ao lugar da faculdade de julgar no corpo, que é, de acordo com os estóicos, a parte principal da alma, onde as ideias, os desejos e o raciocínio se originam¹⁹³, mas simplesmente se refere às duas teorias dos dogmáticos que alegam, de um lado, que ela se situa no cérebro e, de outro lado, que ela se situa no coração¹⁹⁴. Ele aborda de maneira mais completa esse assunto em sua obra contra os lógicos¹⁹⁵. Entretanto, como ele baseia seu argumento – ao discutir as possíveis misturas intelectuais no exemplo do sexto

¹⁹⁰ Papp. *Er. Pyr. Gr.* p. 55.

¹⁹¹ *Hip.* I, 128.

¹⁹² *Hip.* I, 128.

¹⁹³ Dióg. VII, 1, 159.

¹⁹⁴ *Hip.* I, 128.

¹⁹⁵ *Adv. Math.* VII, 313.

tropo –, inteiramente na condição do órgão do intelecto, é evidente que sua teoria da alma era uma teoria materialista.

O sétimo tropo. Esse tropo, baseado nas quantidades e composições dos objetos, é ilustrado pelos exemplos de diferentes tipos de comidas, bebidas e medicamentos, mostrando os diferentes efeitos conforme a quantidade tomada, visto que a nocividade e a utilidade de muitas coisas depende de sua quantidade. As coisas atuam diferentemente sobre os sentidos se aplicadas em pequenas ou em grandes quantidades, como as limalhas de metal ou de chifre, e grãos de areia separados, têm uma cor diferente e uma sensação semelhante quando tomadas na forma sólida¹⁹⁶. O resultado é que as ideias variam segundo a composição do objeto, e esse tropo também traz perplexidade quanto à existência dos objetos externos e nos leva a suspender nossa opinião em relação a eles¹⁹⁷. Esse tropo é ilustrado por Diógenes com excessiva brevidade¹⁹⁸.

O oitavo tropo. O tropo baseado na relação contém, como Sexto corretamente observa, a essência dos outros nove¹⁹⁹, pois a afirmação geral da relatividade do conhecimento inclui as outras afirmações feitas. O destaque que Sexto dá a esse tropo na sua introdução aos dez tropos nos leva a esperar aqui novos exemplos e acréscimos²⁰⁰ de argumentos para a ἐποχή. Não encontramos, entretanto, nada disso, mas simplesmente

¹⁹⁶ *Hip.* I, 129-131.

¹⁹⁷ *Hip.* I, 134.

¹⁹⁸ Dióg. IX, 11, 86.

¹⁹⁹ *Hip.* I, 39.

²⁰⁰ *Hip.* I, 135-140.

uma afirmação de que todas as coisas estão relacionadas de uma de duas maneiras: ou diretamente, ou como sendo uma parte de uma diferença. Esses dois tipos de relação são aplicados por Protágoras e poderiam ter sido usados com proveito na introdução aos tropos, ou no final, para provar que todos os outros eram realmente subordinados ao oitavo. O raciocínio é, entretanto, simplesmente aplicado à relação dos objetos uns com os outros, e nada é acrescentado que não seja encontrado em outro lugar como um argumento a favor da ἐποχή²⁰¹. Esse tropo é o décimo em Diógenes, e ele reforça seu raciocínio quanto ao mesmo com uma afirmação que Sexto não faz diretamente, ou seja, que tudo existe em relação ao entendimento²⁰².

O nono tropo. Este é baseado na freqüência e raridade dos acontecimentos e refere-se a alguns fenômenos da natureza, tais como o nascimento do sol, e o mar, que não são mais causa de espanto, ao passo que um cometa ou um terremoto constituem motivo de espanto para aqueles que não estão acostumados com eles²⁰³. O valor dos objetos também depende de sua raridade, como, por exemplo, o valor do ouro²⁰⁴. Além disso, as coisas podem ser valiosas numa época, e em outra não, segundo a freqüência e a raridade da ocorrência²⁰⁵. Por conseguinte, esse tropo também

²⁰¹ *Hip.* I, 135-140.

²⁰² Dióg. IX, 11, 88.

²⁰³ *Hip.* I, 141-142.

²⁰⁴ *Hip.* I, 143.

²⁰⁵ *Hip.* I, 144.

conduz à ἐποχή. Diógenes fornece somente dois exemplos para esse tropo, o do sol e o do terremoto²⁰⁶.

O décimo tropo. Nós já comentamos a respeito da diferença na natureza do décimo tropo, na medida em que ele se ocupa, não com as ideias dos objetos, como os outros nove tropos, mas com as opiniões filosóficas e religiosas e com questões sobre o certo e o errado. Era bem conhecido o intuito dos céticos de submeter-se às leis e aos costumes do país em que eles se encontravam, e conformar-se a certos ensinamentos morais e cerimônias religiosas; isso eles fizeram sem afirmar ou negar a verdade dos princípios sobre os quais esses ensinamentos estavam baseados²⁰⁷, e também sem qualquer paixão ou forte sentimento em relação a eles²⁰⁸, pois em si mesmo nada pode ser considerado bom ou mau. O décimo tropo, portanto, chama a atenção para as contradições nos costumes, nas leis e nas crenças adotadas em diferentes países para mostrar que elas são também variáveis e relativas, e não possuem valor absoluto. A ideia central desse tropo é apresentada duas vezes por Diógenes, uma vez, como afirmamos antes, em sua introdução²⁰⁹ à vida de Pirro, e também como um dos tropos²¹⁰. Como ele é aparentemente um dos tropos mais antigos, deve naturalmente ter sido muito usado nas discussões com os estóicos, cuja filosofia tinha um significado ético muito amplo, e deve também ter ocupado um importante lugar na escola cética em todas

²⁰⁶ Dióg. IX, 11, 87.

²⁰⁷ *Hip.* I, 24.

²⁰⁸ *Hip.* III, 235.

²⁰⁹ Dióg. IX, 11, 61.

²¹⁰ Dióg. IX, 11, 83.

as discussões metafísicas e filosóficas. Fabricius pensa que a definição dada por Sexto no início da exposição desse tropo²¹¹ foi tomada de Aristóteles, das escolas, das leis, dos costumes, das crenças míticas e das opiniões dogmáticas²¹², e a definição que Diógenes fornece da lei em sua vida de Platão²¹³ é semelhante. Pappenheim, entretanto, pensa que elas foram tomadas dos estóicos, talvez de Crisipo²¹⁴. O argumento baseia-se nas diferenças no desenvolvimento do pensamento, que afetam os pontos de vista das opiniões na filosofia, na moral e na religião, e cujos resultados encontramos amplamente nas escolas filosóficas antagônicas, na variedade de crenças religiosas e nas leis e costumes de diferentes países. Portanto, as decisões alcançadas no mundo do pensamento deixam-nos igualmente em dúvida quanto ao valor absoluto de quaisquer padrões, em relação àqueles obtidos por meio da percepção sensível, e o conflito universal de opiniões relativamente a todas as questões da filosofia e da ética nos leva também, conforme esse tropo, à suspensão de juízo²¹⁵. Esse tropo é o quinto conforme apresentado por Diógenes, que o colocou imediatamente depois dos primeiros quatro que se referem mais particularmente ao desenvolvimento humano²¹⁶, ao passo que Sexto o emprega como o último, talvez por pensar que um argumento baseado nos elevados poderes do homem

²¹¹ *Hip.* I, 145-147.

²¹² Fabricius, Cap. IV, H.

²¹³ Dióg. III. 86.

²¹⁴ Pappenheim, *Gr. Pyrr. Grundzüge*, p. 50.

²¹⁵ *Hip.* I, 163.

²¹⁶ Dióg. IX, 11, 83.

merece o último lugar, ou é a soma de todos os demais argumentos.

Seguindo a exposição dos dez tropos dos cétricos antigos, Sexto apresenta os cinco tropos que ele atribui aos “cétricos mais recentes”²¹⁷. Sexto em nenhum lugar menciona o autor desses tropos. Diógenes, entretanto, os atribui a Agripa, de quem nada sabemos exceto que é mencionado por Diógenes. Ele foi, evidentemente, um dos seguidores de Enesidemo e um sábio influente na Escola cética, que deve ter tido, ele mesmo, discípulos, pois Diógenes diz: οἱ περὶ Ἀγρίππαν²¹⁸ acrescentaram a estes outros cinco tropos, usando o verbo no plural. Outro cético, também mencionado por Diógenes, e um homem desconhecido de outras fontes, intituiu alguns de seus livros em homenagem a Agripa²¹⁹. Agripa não é incluído por Diógenes na lista dos líderes da Escola cética, mas²²⁰ a sua influência no desenvolvimento do pensamento da escola deve ter sido grande, pois a transição dos dez tropos dos “cétricos antigos” para os cinco atribuídos a Agripa é algo marcante e revela a introdução na escola de um poder lógico antes desconhecido nela. Esses últimos tropos não constituem uma redução dos tropos de Enesidemo, mas são escritos de um ponto de vista inteiramente diferente. Os dez tropos são empíricos, e visam fornecer provas objetivas das ideias centrais do pirronismo, ao passo que os cinco são mais propriamente regras de pensamento que

²¹⁷ *Hip.* I, 164.

²¹⁸ Dióg. IX, 11, 88.

²¹⁹ Dióg. IX, 11, 106.

²²⁰ Dióg. IX, 12, 115-116.

conduzem a provas lógicas e possuem um caráter dialético. Nós encontramos essa distinção ilustrada pelas diferentes maneiras em que o tropo da relatividade é tratado nos dois grupos. No primeiro ele aponta para uma relatividade objetiva, mas com Agripa para um princípio lógico subjetivo geral. A originalidade dos tropos de Agripa não reside em sua matéria, mas em sua formulação e uso na Escola cética. Esses métodos de prova não eram, evidentemente, novos, mas foram bem conhecidos por Aristóteles e foram usados pela Academia cética e provavelmente também por Timão²²¹, ao passo que o $\pi\rho\acute{o}\varsigma\ \tau\iota$ remonta pelo menos a Protágoras. Os cinco tropos são os seguintes:

- (i) O tropo baseado na discordância
- (ii) O regresso ao infinito
- (iii) Relação.
- (iv) O hipotético.
- (v) O *circulus in probando*.

Dois deles são tomados da lista antiga, o primeiro e o terceiro, e Sexto diz que os cinco tropos são destinados a complementar os dez tropos e mostrar a audácia dos dogmáticos de várias maneiras²²². A ordem desses tropos é a mesma tanto em Diógenes como em Sexto, mas as definições deles diferem suficientemente para revelar que os dois autores tomam seu material de fontes diferentes. Segundo o primeiro, todas as coisas em questão são sensíveis ou inteligíveis, e ao tentar julgá-las,

²²¹ Comparar Natorp, *Op. cit.* p. 302.

²²² *Hip.* I, 177.

seja na vida, praticamente, seja “entre os filósofos”, desenvolve-se uma posição a partir da qual é impossível chegar a uma conclusão²²³. De acordo com o segundo, toda prova requer uma outra prova, e assim por diante, até o infinito; e não existe nenhum ponto de vista a partir do qual começar o raciocínio²²⁴. De acordo com o terceiro, todas as percepções são relativas, pois o objeto é colorido pela condição daquele que julga e pela influência das outras coisas que o cercam²²⁵. De acordo com o quarto, é impossível escapar do *regressus in infinitum* fazendo de uma hipótese o ponto de partida, como os dogmáticos tentam fazer²²⁶. E o quinto, ou o *circulus in probando*, surge quando aquilo que deveria ser a prova precisa ser confirmado pela coisa a ser provada.

Sexto afirma que todas as coisas, seja sensíveis ou inteligíveis, podem ser incluídas nesses tropos²²⁷. Pois se, como alguns dizem, somente as coisas dos sentidos são verdadeiras, ou como outros alegam, somente as do entendimento, ou como ainda outros sustentam, algumas coisas tanto dos sentidos como do entendimento são verdadeiras, surgirá uma discórdia impossível de ser decidida, pois ela não pode ser decidida por meio do sensível, nem por meio do inteligível, pois as coisas do intelecto elas mesmas requerem uma prova; consequentemente, o resultado de todos os raciocínios deve ou ser hipotético, ou cair no *regressus in infinitum*

²²³ *Hip.* I, 165.

²²⁴ *Hip.* I, 166.

²²⁵ *Hip.* I, 167.

²²⁶ *Hip.* I, 168.

²²⁷ *Hip.* I, 169.

ou no *circulus in probando*²²⁸. A referência acima a alguns que dizem que somente as coisas dos sentidos são verdadeiras diz respeito a Epicuro e a Protágoras; a alguns para quem somente as coisas do pensamento são verdadeiras, a Demócrito e a Platão; e àqueles que alegam que algumas delas são verdadeiras, aos estóicos e aos peripatéticos²²⁹. Os três novos tropos acrescentados por Agripa não tratam da percepção-sensível, mas baseiam-se inteiramente na possibilidade do raciocínio, como exigido pela ciência da lógica, em contraste com os anteriores que se referem quase inteiramente, com exceção do décimo, aos objetos materiais. Sexto afirma que esses cinco tropos conduzem também à suspensão do juízo²³⁰, mas seu resultado lógico é antes a negação dogmática de toda possibilidade de conhecimento, revelando, como Hirzel tinha muito bem demonstrado, muito mais a influência da Nova Academia do que o espírito da Escola cética²³¹. Constituía um ponto de vista dos céticos antigos que embora a busca da verdade não tivesse sido bem sucedida, não obstante eles continuavam investigando, e Sexto alega ser fiel a esse velho objetivo dos pirrônicos. Ele chama a si mesmo de investigador²³², e, censurando a Nova Academia por afirmar que o conhecimento é impossível, Sexto diz: “além disso dizemos que nossas ideias são iguais quanto à credibilidade e não credibilidade”²³³. Os dez tropos

²²⁸ Hip. I, 170-171.

²²⁹ *Adv. Math.* VIII, 185-186; VIII, 56; VII, 369.

²³⁰ *Hip.* I, 177.

²³¹ Hirzel, *Op. cit.* p. 131.

²³² *Hip.* I, 3, 7.

²³³ *Hip.* I, 227.

visam estabelecer a dúvida somente quanto ao conhecimento da verdade, mas os cinco tropos de Agripa visam provar logicamente a impossibilidade do conhecimento. É muito estranho que Sexto não veja esse evidente contraste no propósito das duas séries de tropos e expresse sua aprovação àqueles de Agripa, e faça um uso mais freqüente do quinto deles, ὁ διάλληλος, em seu raciocínio subsequente, que de qualquer outro argumento²³⁴.

Encontramos na Escola cética, logo após a época de Enesidemo, a mesma tendência para o ensino dogmático que – até onde a história obscura e sombria dos últimos anos da Nova Academia pode ser esclarecida, e a separação do pirronismo pode ser compreendida, no tempo em que a Academia passou ao ecletismo –, foi uma das causas daquela separação.

É verdade que os tropos de Agripa revelam grande progresso no desenvolvimento do pensamento. Eles fornecem uma organização da escola muito superior àquela encontrada antes, colocando o raciocínio sobre as bases firmes das leis da lógica e reduzindo a quantidade do material a ser usado. Num certo sentido Saisset está correto ao dizer que Agripa contribuiu mais que qualquer outro para dar ao ceticismo uma organização mais completa²³⁵, mas não está correto quando consideramos o verdadeiro espírito do ceticismo com o qual os tropos de Agripa não estavam em harmonia. Foi através do próprio progresso mostrado na produção

²³⁴ Ver o *Index* da edição das obras de Sexto, de Bekker.

²³⁵ Saisset, *Op. cit.* p. 237.

desses tropos que a escola finalmente perdeu a força de sua posição.

Não contente com ter reduzido o número dos tropos de dez para cinco, outros tentaram reduzir o número mais ainda a dois²³⁶. Sexto não fornece nenhuma indicação da autoria dos dois tropos. Ritter os atribui a Menôdotos e seus seguidores, e Zeller concorda com essa opinião²³⁷, ao passo que Saisset pensa que Agripa era também o autor desses²³⁸, o que é uma estranha teoria para propor, pois uma parte do material dos cinco é repetido nos dois, e o mesmo indivíduo não poderia, certamente, ser visto como um defensor dos cinco e ao mesmo tempo dos dois tropos.

Os dois tropos são fundados no princípio de que tudo deve ser conhecido por si mesmo ou por meio de alguma outra coisa. Não pode ser conhecido por si mesmo, por causa da discórdia que existe entre todas as coisas dos sentidos e do intelecto, nem pode ser conhecido por meio de alguma coisa diferente, pois nesse caso se segue o *regressus in infinitum* ou o *circulus in probando*²³⁹. Diógenes Laércio não se refere à esses dois tropos.

Relativamente a todos esses tropos da suspensão do juízo, Sexto observou muito bem, quando os introduz, que eles são incluídos no oitavo, ou seja, o da relação²⁴⁰.

²³⁶ *Hip.* I, 178.

²³⁷ Zeller, III, 38; Ritter, IV, 277.

²³⁸ Saisset, *Op. cit.* p. 231.

²³⁹ *Hip.* I, 178-179.

²⁴⁰ *Hip.* I, 39.

Os tropos da etiologia. Os oito tropos contra a causalidade são cronologicamente anteriores aos cinco tropos de Agripa na história do desenvolvimento do pensamento cético. Eles têm uma conexão muito mais estreita com o espírito do ceticismo do que os tropos de Agripa, incluindo, como o fazem, a ideia central do pirronismo, *i.e.*, que os fenômenos não revelam o não aparente.

Os cétricos não negaram os fenômenos, mas negaram que os fenômenos sejam sinais suscetíveis de ser interpretados, ou de revelar a realidade das causas. É impossível por meio de um exame dos sinais descobrir o não aparente, ou a explicação das coisas, como os estóicos e os epicuristas sustentam. A teoria de Enesidemo que se encontra na base dos oito tropos contra a etiologia nos é apresentada por Fócio como segue:²⁴¹ “Não existem sinais visíveis do não aparente, e aqueles que acreditam na sua existência são vítimas de uma vã ilusão.” Essa afirmação de Enesidemo é confirmada por uma explicação mais completa dela fornecida mais tarde por Sexto²⁴². Se os fenômenos não são sinais do não aparente não existe causalidade, e uma refutação da causalidade é uma prova da impossibilidade da ciência, visto que toda ciência é a ciência das causas, o poder de investigar as causas a partir dos efeitos, ou, como Sexto os chama, os fenômenos.

É bastante visível a qualquer um que leia a refutação da causalidade feita por Enesidemo, como

²⁴¹ *Myriob.* 170 B, 12.

²⁴² *Adv. Math.* VIII, 207.

apresentada por Sexto²⁴³, que não existe nenhuma referência ao mais poderoso argumento do ceticismo moderno, desde a época de Hume, contra a causalidade, a saber, que a origem da ideia de causalidade não pode ser assim responsável pela justificação da confiança que temos nela como uma forma de conhecimento²⁴⁴.

Os oito tropos são dirigidos contra a possibilidade de conhecimento da natureza, que Enesidemo pôs em dúvida em todos os seus tropos, tanto nos dez como nos oito²⁴⁵. Eles são escritos de um ponto de vista materialista. Esses tropos são exemplificados por Fabricius como segue:

I. Uma vez que a etiologia em geral se refere a coisas que são inobservadas, ela não fornece testemunho que seja incontestável em relação aos fenômenos. Por exemplo, os pitagóricos explicam a distância dos planetas por uma proporção musical.

II. A partir de muitas razões igualmente plausíveis que poderiam ser fornecidas a favor da mesma coisa, uma só é arbitrariamente escolhida. Por exemplo, alguns explicam a inundação do Nilo pela queda de neve na sua nascente, ao passo que poderia haver outras causas, como a chuva, o vento ou a ação do sol.

III. As coisas ocorrem de uma maneira ordenada, mas as causas apresentadas não revelam qualquer ordem. Por exemplo, o movimento das estrelas é explicado por sua pressão mútua, o que não leva em consideração a ordem que reina entre elas.

²⁴³ *Hip.* I, 180-186.

²⁴⁴ Ueberweg, *Op. cit.* p. 217.

²⁴⁵ *Hip.* I, 98.

IV. Supõe-se que as coisas inobservadas ocorram da mesma maneira que os fenômenos. Por exemplo, explica-se a visão da mesma maneira que o aparecimento de imagens num quarto escuro.

V. Muitos filósofos apresentam teorias relativas à causalidade que estão de acordo com suas próprias hipóteses individuais sobre os elementos, mas não com as ideias comuns e aceitas, tal como explicar o mundo por meio dos átomos como Epicuro, por meio das homeomerias como Anaxágoras, ou por meio da matéria e forma como Aristóteles.

VI. As teorias que estão de acordo com as hipóteses individuais são aceitas, mas outras igualmente prováveis são desprezadas. Por exemplo, a explicação dos cometas feita por Aristóteles, que eles são um acúmulo de gases próximo à terra, porque ela está de acordo com sua teoria do universo.

VII. Apresentam-se teorias sobre a causalidade incompatíveis não somente com as hipóteses individuais, mas também com os fenômenos. Por exemplo, admitir, como Epicuro, uma inclinação ou desejo da alma, o que seria incompatível com a necessidade que ele defendia.

VIII. O inescrutável é explicado por meio de coisas igualmente inescrutáveis. Por exemplo, a subida da seiva nas plantas é explicada pela atração que a esponja tem por água, um fato contestado por alguns²⁴⁶.

Diógenes não menciona esses tropos dessa forma, mas ele oferece um *resumé* dos argumentos gerais dos céticos contra a etiologia²⁴⁷, o qual tem menos em

²⁴⁶ *Hip.* I, 180-186; Fabricius, Cap. XVII, 180 z.

²⁴⁷ Dióg. IX, 11, 96-98.

comum com os oito tropos de Enesidemo do que com a apresentação do assunto feita por Sexto mais tarde²⁴⁸, quando ele multiplica suas provas excessivamente para mostrar μηδ ν ε ναι αἴτιον. Embora os tropos de Enesidemo tenham um caráter dialético em vez de objetivo, não parece que ele fez a distinção, que é tão manifesta em Sexto, entre os sinais ὑπομνηστικά e ἐνδεικτικά²⁴⁹, especialmente quando Diógenes resume seu argumento sobre o assunto com a afirmação geral Σημεῖον οὐκ ε ναι²⁵⁰, e passa a introduzir a consequência lógica da negação da etiologia. O resumo dos tropos de Enesidemo é apresentado como segue, nas *Hipótiposes*, por Sexto: – “Uma causa em conformidade com todas as seitas filosóficas, com o ceticismo, e com os fenômenos, talvez não seja possível, pois o que aparece e o que não aparece difere completamente”²⁵¹.

É interessante notar com relação ao sétimo desses tropos que Enesidemo afirma que a causalidade tem somente um valor subjetivo, o que de seu ponto de vista materialista seria um argumento contra sua existência real. E o mesmo argumento é usado por Kant para provar que a causalidade é uma condição necessária do pensamento²⁵².

Chaignet caracteriza os tropos de Enesidemo como falsos e sofísticos²⁵³, mas como Maccoll disse muito bem, eles são dignos de nota por causa de sua

²⁴⁸ *Hip.* III, 24-28.

²⁴⁹ *Adv. Math.* VIII, 151.

²⁵⁰ Dióg. IX, 11, 96.

²⁵¹ *Hip.* I, 185.

²⁵² Comparar Maccoll, *Op. cit.* p. 77.

²⁵³ Chaignet, *Op. cit.* 507.

crítica sensata e poderosa, e são dirigidos contra o falso método de observar fatos à luz das opiniões preconcebidas²⁵⁴. Eles têm, entretanto, um mais forte lado crítico do que cético, e revelam a tendência positiva do pensamento de Enesidemo.

²⁵⁴ Maccoll, *Op. cit.* p. 88.

CAPÍTULO 4

Enesidemo e a filosofia de Heráclito

Um parágrafo no Livro I das *Hipótiposes* que tem suscitado muita especulação e muitas teorias diferentes é a comparação que Sexto faz do ceticismo com a filosofia de Heráclito²⁵⁵. Nesse parágrafo afirma-se que Enesidemo e seus seguidores, οἱ περὶ τὸν Αἰνησίδημον, disseram que o ceticismo é um caminho para a filosofia de Heráclito, porque a doutrina de que predicados contraditórios parecem ser aplicáveis à mesma coisa conduz àquela de que os predicados contraditórios são na realidade aplicáveis à mesma coisa²⁵⁶. οἱ περὶ τὸν Αἰνησίδημον ἔλεγον ὁδὸν εἶναι τὴν σκεπτικὴν ἄγωγὴν ἐπὶ τὴν Ἡρακλείτειον φιλοσοφίαν, διότι προηγείται τοῦ τάναντία περὶ τὸ αὐτὸ ὑπάρχειν τὸ τάναντία περὶ τὸ αὐτὸ φαίνεσθαι. Enquanto os cétricos dizem que predicados contraditórios parecem ser aplicáveis à mesma coisa, os heraclitianos vão além e sustentam a doutrina mais positiva de que eles são assim na realidade²⁵⁷.

Essa conexão que se diz que Enesidemo afirmou existir entre o ceticismo e a filosofia de Heráclito é severamente combatida por Sexto, que declara que o fato que predicados contraditórios parecem ser aplicáveis à mesma coisa não é um dogma dos cétricos, mas um fato que se apresenta a todos os homens, e não aos cétricos

²⁵⁵ *Hip.* I, 210.

²⁵⁶ *Hip.* I, 210.

²⁵⁷ *Hip.* I, 210.

somente. Ninguém, por exemplo, seja cético ou não, ousaria dizer que o mel não tem sabor doce para as pessoas saudáveis, e amargo para as pessoas com icterícia, de modo que Heráclito parte de uma concepção comum a todos os homens, tal como a nós mesmos e talvez também às demais escolas filosóficas²⁵⁸. Como a afirmação sobre a aparência de predicados contraditórios em relação à mesma coisa não é uma afirmação exclusivamente cética, nesse caso o ceticismo não é mais um caminho para a filosofia de Heráclito do que para outras escolas filosóficas, ou para a vida, pois todas tratam do mesmo assunto. “Mas receamos que a Escola cética não só não ajuda para o conhecimento da filosofia de Heráclito, senão que até impede esse resultado, uma vez que o cético acusa Heráclito de ter irrefletidamente dogmatizado, defendendo de um lado a doutrina da “conflagração” e de outro que “os predicados contraditórios são na realidade aplicáveis à mesma coisa”²⁵⁹. “É absurdo, então, dizer que essa escola divergente seja um caminho que leva àquela seita com a qual diverge. É absurdo, portanto, dizer que a Escola cética é um caminho para a filosofia de Heráclito”²⁶⁰.

Esse não é o único lugar nos escritos de Sexto que afirma que Enesidemo em alguma época de sua vida foi um defensor das doutrinas de Heráclito. Entretanto, em nenhuma ocasião em que Sexto se refere a este fato extraordinário ele oferece qualquer explicação a seu respeito, ou exprime qualquer rancor contra Enesidemo,

²⁵⁸ *Hip.* I, 211.

²⁵⁹ *Hip.* I, 212.

²⁶⁰ *Hip.* I, 212.

de quem ele sempre fala com respeito como um líder da Escola cética. Nós nos vemos assim diante de um dos mais difíceis problemas do ceticismo antigo, o problema de reconciliar a aparente defesa de Enesidemo dos ensinamentos de Heráclito com sua posição na Escola cética.

Uma comparação das referências feitas por Sexto aos ensinamentos de Enesidemo com as referências feitas por outros escritores, e uma consideração do resultado, nos fornece dois retratos de Enesidemo que divergem o mais decididamente um do outro. Nós temos, por um lado, o homem que foi o primeiro a conferir ao pirronismo uma posição como uma escola influente, e o primeiro a reunir e apresentar ao mundo os resultados do pensamento cético precedente. Ele foi o compilador dos dez tropos da ἐποχή, e, talvez, em parte, seu autor e o autor dos oito tropos contra a etiologia²⁶¹. Ele desenvolve seu ceticismo a partir do ponto de vista de que nem os sentidos nem o intelecto podem nos fornecer algum conhecimento certo da realidade²⁶². Ele negou a possibilidade de estudar os fenômenos como sinais do não aparente²⁶³. Ele negou toda possibilidade da verdade, a realidade do movimento, a geração e a corrupção. Não havia, de acordo com seu ensinamento, prazer ou felicidade e nenhuma sabedoria ou bem supremo. Ele negou a possibilidade de descobrir a natureza das coisas, ou de provar a existência dos deuses, e finalmente declarou que nenhum fim ético é possível.

²⁶¹ *Hip.* I, 180.

²⁶² Fócio, 170, B, 12.

²⁶³ *Adv. Math.* VIII, 40.

O retrato, por outro lado, a nós apresentado por Sexto e Tertuliano, é o de um homem com um sistema de crenças e dogmas que conduzem, ele diz, à filosofia de Heráclito. Em estranha contradição com sua alegação sobre a impossibilidade de todo conhecimento ele defende uma teoria de que a substância original é o ar²⁶⁴, o que certamente é um dogma, embora na verdade um desvio dos ensinamentos de Heráclito, do qual Sexto parece não ter consciência, pois ele diz, τὸ τε ὄν κατὰ τὸν Ἡράκλειτον ἀήρ ἐστίν, ὡς φησὶν ὁ Αἰνυσίδημος. Enesidemo dogmatizou também quanto ao número, ao tempo e à unidade da matéria-prima original do mundo²⁶⁵. Ele parece ter dogmatizado, além disso, sobre o movimento²⁶⁶ e sobre a alma²⁶⁷.

Se a linguagem de Sexto é interpretada de acordo com seu aparente significado, nós nos encontramos aqui na presença de um sistema de crenças que seria naturalmente sustentado por um seguidor da física estóico-heraclitiana²⁶⁸, e absolutamente inexplicável do ponto de vista de alguém, como Enesidemo, que defendeu um ceticismo tão radical. Sexto, na passagem que citamos antes²⁶⁹, expressa grande indignação contra a ideia de que o ceticismo poderia constituir o caminho para a filosofia de Heráclito, mas ele não expressa surpresa ou indignação contra Enesidemo pessoalmente, ou oferece qualquer explicação da aparente contradição;

²⁶⁴ *Adv. Math.* X, 233.

²⁶⁵ *Adv. Math.* IX, 337; X. 216.

²⁶⁶ *Adv. Math.* X, 38.

²⁶⁷ *Adv. Math.* VII, 349.

²⁶⁸ Comparar Zeller, *Op. cit.* III, p. 33.

²⁶⁹ *Hip.* I, 210-212.

e embora seus escritos sejam cheios de referências a ele como um respeitado líder da Escola cética, ele às vezes parece incluí-lo entre os dogmáticos, referindo-se a ele como um *δογματικῶν φιλοσόφων*²⁷⁰. De fato, a tarefa de apresentar uma história consistente do desenvolvimento do pensamento através do qual Enesidemo passou é algo tão desconcertante que Brochard brilhantemente observa que possivelmente a melhor atitude a tomar a respeito dela seria seguir o conselho do próprio Enesidemo e suspender completamente o juízo a seu respeito. É possível supor que um pensador tão penetrante e sutil como Enesidemo sustentasse ao mesmo tempo opiniões tão contrárias?

A conjectura de que ele foi primeiro um heraclitiano estóico e mais tarde um cético, o que poderia ser possível, não oferece nenhuma explicação da afirmação de Sexto de que ele considerava o ceticismo como um caminho para a filosofia de Heráclito. Nem seria lógico pensar que depois de estabelecer a Escola cética com influência e poder renovados, ele retornou às teorias heraclitianas como elas foram modificadas pelos estóicos. Essas mesmas teorias constituíram a causa de sua separação da Academia, pois sua principal acusação contra a Academia era que ela estava adotando o dogmatismo dos estóicos²⁷¹. O assunto é complicado pelo fato que Tertuliano também atribui a Enesidemo ensinamentos antropológicos e físicos que estão de acordo com as doutrinas estóico-heraclitianas. Não é estranho que em vista dessas declarações contraditórias

²⁷⁰ *Adv. Math.* VIII, 8; X, 215.

²⁷¹ Comparar Zeller, *Op. cit.* III. p. 16.

relativamente ao mesmo homem, alguns tenham sugerido a possibilidade de que elas se referiam à dois homens diferentes com o mesmo nome, uma suposição, entretanto, que ninguém foi capaz de justificar de maneira autorizada.

Consideremos brevemente algumas das explicações que foram empreendidas da aparente heresia de Enesidemo com respeito à Escola cética. Começaremos com a mais engenhosa, a de Pappenheim²⁷².

Pappenheim sustenta que Sexto não estava se referindo ao próprio Enesidemo nessas afirmações que ele associa a seu nome. Na mais importante delas, a única citada das *Hipotiposes*²⁷³, que descreve Enesidemo como alguém que afirma que o ceticismo é um caminho para a filosofia de Heráclito, a expressão usada é οἱ περὶ τὸν Αἰνησίδημον, e em muitos dos outros lugares onde Sexto se refere às afirmações dogmáticas de Enesidemo, a expressão é ou οἱ περὶ τὸν Αἰνησίδημον, ou Αἰνησίδημος καθ' Ἡράκλειτον, ao passo que quando Sexto cita que Enesidemo sustenta o ceticismo, ele usa seu nome apenas.

Pappenheim pensa que o conflito de Sexto não era com o falecido Enesidemo, que tinha vivido dois séculos antes dele, mas com seus próprios contemporâneos. Ele procura também provar que Sexto não poderia ter obtido o conhecimento dessas afirmações de Enesidemo a partir de alguns dos escritos do próprio

²⁷² *Die angebliche Heraclitismus des Skeptikers Ainesidemos*, Berlin, 1889.

²⁷³ *Hip.* I, 210-212.

Enesidemo, pois nem os antigos, nem os escritores mais recentes haviam falado de algum livro que poderia muito bem contê-las. Nem Arístocles nem Diógenes mencionam tal livro.

Pappenheim dá muita importância também para o argumento de que Sexto em nenhuma ocasião parece consciente da inconsistência da parte de Enesidemo, mesmo quando ele combate de maneira muito severa seus supostos ensinamentos, mas quando se refere à sua própria pessoa ele sempre fala dele com grande respeito.

Pappenheim sugere, portanto, que a polêmica de Sexto era contra os contemporâneos, aqueles que aceitaram a filosofia de Heráclito em consequência dos ensinamentos de Enesidemo ou devido a alguma relação com eles. Ele ignora inteiramente o fato de que não existe nenhum vestígio de tal escola ou seita na história, chamando a si mesmos seguidores de “Enesidemo de acordo com Heráclito”, mas, todavia, pensa que é possível que um tal movimento tenha existido em Alexandria na época de Sexto, onde se encontravam muitas seitas diferentes. Sexto emprega o nome Enesidemo de quatro maneiras diferentes: desacompanhado, οἱ περὶ τὸν Αἰνεσίδημον, Αἰνεσίδημος καθ’ Ἡράκλειτον, e num exemplo οἱ περὶ τὸν Αἰνεσίδημον καθ’ Ἡράκλειτον²⁷⁴.

Pappenheim defende a teoria de que alguns dos contemporâneos contra quem Sexto dirigiu seus argumentos tinham escrito um livro intitulado Αἰνεσίδημος καθ’ Ἡράκλειτον, para provar a harmonia entre Enesidemo e Heráclito, e que foi a partir

²⁷⁴ *Adv. Math.* VIII, 8.

desse livro que Sexto citou as afirmações dogmáticas que ele introduziu com aquela expressão. Ele sustenta, além disso, que a passagem citada das *Hipótiposes I*, inclusive, é dirigida contra esses contemporâneos, que fundaram seu sistema de provas da concordância entre Enesidemo e Heráclito na semelhança da famosa fórmula que era uma das favoritas dos céticos: “predicados contrários parecem aplicar-se à mesma coisa”, com a aparente dedução a partir desta, de que “predicados contrários na realidade aplicam-se à mesma coisa”. Sexto deseja, segundo Pappenheim, provar a esses contemporâneos que eles interpretaram mal Enesidemo, e Sexto não diz que Enesidemo era um dogmático, nem que ensinou as doutrinas de Heráclito; nem que interpretou mal Enesidemo, nem, conseqüentemente, que o compreendeu mal; mas, ao contrário, essas citações dogmáticas não têm nada a ver com Enesidemo, mas referem-se inteiramente a seus contemporâneos que pretendiam ser céticos ao mesmo tempo em que aceitavam os ensinamentos de Heráclito. Sexto, é claro, combate energicamente essa tendência, pois ele deseja preservar o puro pirronismo.

Brochard defende uma mudança de opinião da parte de Enesidemo como uma explicação da dificuldade em questão²⁷⁵. Ele parte da suposição, cuja razoabilidade nós consideraremos depois, de que Enesidemo já tinha mudado de opinião quando rompeu sua ligação com a Nova Academia; e às duas fases de sua vida, sobre a mudança das quais já havia nos falado, ele acrescenta uma terceira. Enesidemo não teria sido o primeiro a

²⁷⁵ Brochard, *Op. cit.* 272.

aceitar diferentes crenças em períodos diferentes de sua vida, e Brochard sustenta que tal desenvolvimento nas opiniões de Enesidemo é lógico. Ele não acusa Enesidemo de ter, como poderia parecer a partir da leitura cuidadosa de Sexto, mudado repentinamente seus princípios, mas, antes, de ter gradualmente passado a aceitar muitos ensinamentos de Heráclito. Enesidemo modifica seu ceticismo somente até o ponto de pretender conhecer alguma coisa da realidade absoluta. O cético diz, “Predicados contraditórios são aparentemente aplicáveis à mesma coisa”, e Enesidemo aceita o resultado heraclitiano – “Predicados contraditórios são na realidade aplicáveis à mesma coisa”. A julgar pela exposição de Sexto, Enesidemo pareceria ter renunciado à sua posição como um cético ao dizer que o ceticismo é o caminho para a filosofia de Heráclito. Ele, entretanto, não renuncia ao ceticismo, mas o acha incompleto. Ao deliberar a respeito da aparência dos predicados contraditórios relativamente ao mesmo objeto, ele naturalmente perguntará: “Por que motivos surgem essas aparências contraditórias?” Depois de ter duvidado de todas as coisas, ele deseja saber por que motivo ele duvida. O sistema de Heráclito oferece uma solução, e ele a aceita. Predicados contraditórios produzem equilíbrio na alma porque eles são uma expressão da realidade.

Como um cético ele sustenta que o conhecimento é impossível, e não acha que a afirmação de Heráclito desaprove isso, mas, antes, que ela apoia sua teoria. Ele tinha negado a existência da ciência. Ele ainda a nega, mas agora sabe por que a nega. Brochard

pergunta por que é mais impossível que Enesidemo tenha sido um seguidor de Heráclito do que Protágoras o foi, pois Protágoras foi, afinal de contas, um cético. Finalmente, Brochard sustenta que as teorias dogmáticas atribuídas a Enesidemo dizem respeito à doutrina da verdade dos predicados contraditórios, que lhe parece uma explicação lógica dos princípios fundamentais do ceticismo. É correto chamá-lo de cético, pois ele foi um cético, e isso de maneira sincera; e ele merece seu lugar como um dos chefes da Escola cética.

Passando agora à opinião de Zeller²⁷⁶, descobrimos que ele defende uma interpretação incorreta de Enesidemo por parte de Sexto. Toda dificuldade é removida, Zeller pensa, pelo simples fato de que Sexto não compreendeu Enesidemo; e como Tertuliano e Sexto estão de acordo nessa interpretação incorreta dos pontos de vista de Enesidemo, eles devem ter sido enganados ao consultar um autor comum com referência a Enesidemo, que confundiu o que Enesidemo disse de Heráclito com sua própria opinião. Zeller mantém que a expressão tão frequentemente repetida por Sexto – Αἰνεσίδημος καθ' Ἡράκλειτον – indica que um dos livros de Enesidemo continha uma exposição das doutrinas de Heráclito, pois Enesidemo tinha o hábito de citar tantas autoridades quanto possível para sustentar o seu ceticismo. Para justificar suas citações de Heráclito, ele provavelmente fornecera um breve resumo dos ensinamentos de Heráclito; e a interpretação incorreta defendida por Zeller e encontrada tanto em Tertuliano

²⁷⁶ Zeller, *Op. cit.* III, pp. 31-35; *Grundriss der Geschichte der Griechischen Phil.* p. 263.

como em Sexto refere-se antes ao espírito do que às palavras citadas de Enesidemo, e é uma interpretação incorreta devida a algum autor anterior que tinha dado uma falsa impressão do pensamento de Enesidemo ao citar o que Enesidemo escreveu sobre Heráclito. Ou seja, Heráclito foi classificado por Enesidemo apenas entre os que prepararam o caminho para o ceticismo, exatamente como Diógenes²⁷⁷ menciona muitos filósofos dessa maneira, e só é possível explicar que tanto Sorano²⁷⁸ como Sexto tenham feito a mesma interpretação incorreta por causa de um erro da parte da autoridade que eles consultaram.

Essa explicação, entretanto, faz de Sexto um indivíduo muito estúpido. Os livros de Enesidemo eram bastante conhecidos, e Sexto certamente teria se dado ao trabalho de lê-los. A sua reputação como um historiador não permitiria semelhante acusação, pois Diógenes chama seus livros τὰ δέκα τῶν σκεπτικῶν καὶ ἄλλα κάλλιστα²⁷⁹. Além disso, que Sexto serviu-se dos próprios livros de Enesidemo nós sabemos por causa da citação direta deles com referência a Platão²⁸⁰, que ele combina com as ideias de Menôdotos²⁸¹ e as suas próprias.

As referências de Sexto a Enesidemo relativas a Heráclito são muito numerosas e é absurdo supor que ele tivesse confiado inteiramente em alguém que tivesse lhe transmitido por autoridade semelhante assunto. Mesmo

²⁷⁷ Dióg. Laércio, IX, 11, 71-74.

²⁷⁸ Tertuliano.

²⁷⁹ Dióg. IX, 12, 116.

²⁸⁰ *Hip.* I, 222.

²⁸¹ Seguindo o texto grego de Bekker.

que fosse possível que Sexto não se referisse diretamente às obras de Enesidemo, o que nós não admitimos, mesmo nesse caso, havia muitos escritores na Escola cética depois da época Enesidemo, e eles certamente não poderiam todos tê-lo interpretado mal. Devemos lembrar que Sexto esteve à frente da Escola e tinha acesso a toda sua literatura. Seu cargo não admitiria tal erro, e se ele o tivesse de fato cometido, seus contemporâneos seguramente o teriam descoberto antes que Diógenes caracterizasse seus livros como *κάλλιστα*. Seja o que for que possa ser dito contra a exatidão de Sexto como um historiador geral da filosofia, especialmente quanto às escolas antigas, ele não pode certamente ser acusado de ignorância a respeito da escola da qual ele era naquele tempo o líder.

A opinião de Ritter sobre esse assunto é que Enesidemo deve ter sido um dogmático²⁸². Saisset sustenta²⁸³ que Enesidemo de fato passou da filosofia de Heráclito para a de Pirro, e fez a afirmação de que o ceticismo é o caminho para a filosofia de Heráclito para defender sua mudança de concepção, embora em seu caso a mudança tenha sido justamente o contrário da que ele defende. Saisset apresenta como uma lei na história da filosofia um fato que ele diz ser verdadeiro, que o ceticismo sempre segue o sensacionismo, para o que ele fornece dois exemplos: Pirro, que foi primeiro um discípulo de Demócrito, e Hume, que foi um discípulo de Locke. Não é necessário discutir o absurdo de tal lei, que, como alguém observou muito bem,

²⁸² Ritter, *Op. cit.* p. 280. Livro IV.

²⁸³ Saisset, *Op. cit.* p. 206.

envolveria uma construção *a priori* da história. Não existe nenhuma razão aparente para a conjectura de Saisset quanto a Enesidemo, pois é exatamente o contrário do que Sexto tinha exposto. Estranhamente, o próprio Saisset observa em outro lugar que temos um respeito religioso em relação a todo texto, e que deveria ser a primeira lei da crítica exprimir isso²⁸⁴. Esse respeito ao texto de Sexto, como ele mesmo defende, coloca a explicação do assunto em discussão fornecida por Saisset fora de questão.

Hirzel e Natorp não acham que exista uma grande contradição nos dois pontos de vista apresentados sobre as teorias de Enesidemo, tampouco pensam que Sexto as interpretou incorretamente. Eles sustentam, antes, que ao declarar a coexistência de predicados contraditórios relativamente ao mesmo objeto, Enesidemo não deixa de ser um cético, pois ele não acredita que os predicados sejam aplicáveis num sentido dogmático da palavra, mas sejam somente aplicáveis na aparência, ou seja, aplicáveis aos fenômenos. O heraclitismo de Enesidemo seria então somente aparente, pois ele entendia o enunciado segundo o qual “predicados contraditórios são na realidade aplicáveis à mesma coisa”, somente no sentido fenomênico²⁸⁵. Hirzel diz, além disso, que predicados contraditórios são na realidade aplicáveis àqueles fenômenos que são os mesmos para todos e, conseqüentemente, verdadeiros, pois Enesidemo considerou verdadeiros aqueles

²⁸⁴ Saisset, *Op. cit.* p. 206.

²⁸⁵ Natorp, *Op. cit.* 115, 122.

fenômenos que são os mesmos para todos²⁸⁶. Tal como Protágoras, o discípulo de Heráclito, proclamou a caráter relativo das sensações, que as coisas existem somente para nós e que sua natureza depende de nossa percepção delas; da mesma forma, no sentido fenomênico, Enesidemo aceita o aparente fato de que predicados contraditórios na realidade aplicam-se à mesma coisa.

Esse esclarecimento omite inteiramente o fato de que temos de tratar da palavra ὑπάρχειν, na afirmação que predicados contraditórios na realidade aplicam-se à mesma coisa; ao passo que na passagem citada onde Enesidemo declara que os fenômenos comuns são verdadeiros, temos a palavra ὀληθῆ, de modo que essa explicação da dificuldade defenderia um uso muito estranho da palavra ὑπάρχειν.

Todos esses diferentes pontos de vista sobre a possível solução desse problema desconcertante são dignos de respeito, como a opinião humana que deu muitas ideias para esse e outros assuntos estreitamente relacionados. Embora não possamos concordar completamente com nenhum deles, eles, não obstante, nos fornecem muitas sugestões que são muito valiosas para ajudar a construir uma teoria sobre o assunto que explicará de maneira satisfatória as dificuldades e apresentará uma visão coerente da atitude de Enesidemo.

Primeiramente, quanto a expressão grega οἱ περὶ relativa aos nomes próprios, sobre a qual Pappenheim baseia em grande parte seu argumento. Todos os especialistas acerca dos gregos concordariam que a expressão não se aplica usualmente apenas aos

²⁸⁶ *Adv. Math.* VIII, 8; Hirzel, *Op. cit.* p. 95.

discípulos de algum mestre, mas οὐ περὶ τὸν Αἰνησίδημον, por exemplo, inclui Enesidemo e seus seguidores, e é literalmente traduzida, “Enesidemo e seus seguidores.” É notável, entretanto, nos escritos de Sexto, que ele usa a expressão οὐ περὶ frequentemente para o nome do fundador de uma escola somente, como o próprio Pappenheim admite²⁸⁷. Encontramos exemplos disso na menção de Platão, Demócrito e Arcésilas, como οὐ περὶ τὸν Πλάτωνα καὶ Δημόκριτον²⁸⁸ e οὐ περὶ τὸν Ἀρκεσίλαον²⁸⁹, e, conseqüentemente, não temos nenhum direito de inferir que seu emprego do nome Enesidemo dessa maneira tenha um significado insólito. Ele pode significar Enesidemo sozinho, ou pode significar Enesidemo em conexão com seus seguidores.

Em resposta à posição de Zeller, que Sexto e Tertuliano interpretaram mal Enesidemo e de que o citariam a partir de algum autor comum que o interpretou mal, admitiríamos que semelhante interpretação errada poderia ser possível onde Sexto fornece longas explicações dos ensinamentos de Heráclito, começando por citar Enesidemo e continuando de tal modo que nem sempre é possível distinguir exatamente a parte que é atribuída a Enesidemo; mas semelhante interpretação errada certamente não pode ser defendida, pelas razões anteriormente apresentadas, quanto a afirmação direta de que Enesidemo considerava o ceticismo como o caminho para a filosofia de Heráclito. Tampouco

²⁸⁷ Pappenheim, *Op. cit.* p. 21.

²⁸⁸ *Adv. Math.* VIII, 6.

²⁸⁹ *Adv. Math.* VII, 150.

concordaríamos com Brochard, cuja solução da dificuldade é no conjunto a mais lógica, ou seja, que Enesidemo tinha necessariamente já passado por duas fases de crença filosófica. É possível admitir uma gradual evolução do pensamento em Enesidemo sem supor em qualquer caso uma mudança de base. Seu afastamento da Academia é um argumento contra uma mudança de sua parte, antes que a favor, e foi motivada pela bem conhecida mudança na atitude da Academia.

Muitos dos ensinamentos da Escola cética foram tomados diretamente da Academia, pertencentes àquelas doutrinas defendidas na Academia antes da tendência dogmática eclética introduzida por Antíocos. De fato, o próprio Sexto alega uma estreita relação entre a Academia Média e o pirronismo²⁹⁰. Enesidemo, embora fosse um cético, pertencia à Academia e ao deixá-la tornou-se, por assim dizer, um pioneiro do pirronismo, e não pode ser julgado do mesmo modo que julgaríamos um cético da época de Sexto.

Parece um fato óbvio que durante os dois séculos que decorreram entre a época de Enesidemo e Sexto, as opiniões na Escola cética tinham mudado muito. Nós encontramos um exemplo que ilustra essa mudança numa comparação da apresentação do ceticismo por Diógenes com a apresentação de Sexto. O autor que Diógenes segue, provavelmente um dos escritores céticos, considera Xenófanes, Zenão e Demócrito, céticos, e também Platão²⁹¹, ao passo que Sexto, a respeito de todos esses, opõe-se à ideia de que eram

²⁹⁰ *Hip.* I, 232.

²⁹¹ *Dióg.* IX, 11, 17-72.

céticos.²⁹² Diógenes chama também Heráclito de cético, e igualmente Homero²⁹³, e cita máximas céticas dos Sete sábios²⁹⁴; ele inclui na lista dos céticos, Arquílocos, Eurípedes, Empédocles e Hipócrates²⁹⁵, e, além disso, diz que Teodósio, provavelmente um dos céticos posteriores, opôs-se ao nome “pirrônico”, porque Pirro não teria sido o primeiro cético²⁹⁶.

Nós fornecemos o testemunho de muitas fontes a fim de mostrar que antes da época de Sexto a Escola empírica de medicina era considerada idêntica ao ceticismo, embora não também pelo próprio Sexto. A partir de tudo isso, podemos inferir um estreitamento dos limites do pirronismo na época de Sexto.

Aceitemos com Brochard o desenvolvimento do pensamento visto em Enesidemo do começo até o fim de sua carreira, sem concordar com ele que Enesidemo jamais mudou conscientemente sua base. Ele foi um cético na Academia. Ele deixou a Academia por essa causa e permaneceu um cético até o fim, até onde alguém pode ser um cético, e assumiu a posição positiva que Enesidemo ocupava.

Duas coisas poderiam explicar seu aparente dogmatismo:

- (i) O espírito eclético de seu tempo.
- (ii) O efeito psicológico sobre ele dessa cuidadosa sistematização dos ensinamentos céticos.

²⁹² *Hip.* I, 213-214; I, 223-225.

²⁹³ Dióg. IX, 11, 71.

²⁹⁴ Dióg. IX, 11, 71.

²⁹⁵ Dióg. IX, 11, 71-73.

²⁹⁶ Dióg. IX, 11, 70.

Consideremos a primeira dessas duas causas. Enesidemo, embora não fosse o primeiro dos céticos mais recentes, foi, aparentemente, o primeiro a separar-se da Academia. Ele foi o fundador de um novo movimento, a tentativa de reviver o ceticismo antigo como ensinado por Pirro e Timão, e separá-lo dos ensinamentos dogmáticos dos estóicos que afetavam muito o ceticismo da Nova Academia. O espírito de seu tempo era o de procurar sustentar todo ensino filosófico por meio da autoridade do maior número possível de filósofos antigos, e ele dificilmente poderia escapar a essa tendência que sua instrução na Academia tinha inconscientemente lhe proporcionado. Portanto, nós o encontramos tentando provar que a filosofia de Heráclito resulta do ceticismo. Não é necessário explicar o assunto, como Hirzel e Natorp tão engenhosamente tentam fazer, alegando que a verdade de predicados contraditórios que Enesidemo aceitou de Heráclito referia-se somente aos fenômenos. A história da filosofia nos dá provas abundantes da impossibilidade do ceticismo absoluto, e Enesidemo nos fornece um dos muitos exemplos dessa impossibilidade, e do dogmatismo que deve existir com relação a todo pensamento. No caso de Enesidemo, que evidentemente dedicou os melhores esforços de sua vida para estabelecer a Escola cética, o dogmatismo era provavelmente inconsciente. Que ele permaneceu até o fim um cético é provado pelo fato que ele foi conhecido como tal pela posteridade. Em lugar algum encontramos uma mudança de base atribuída com referência a ele, e Sexto, ao contestar os erros que ele atribui a Enesidemo, chama

a atenção, por assim dizer, para algo de que Enesidemo não tinha tido consciência.

Consideremos aqui a segunda causa do dogmatismo de Enesidemo, o efeito psicológico sobre ele mesmo da formulação de crenças céticas. O trabalho que ele fez para a Escola cética foi um trabalho positivo. Esse trabalho ocupou anos de sua vida, e imprimiu-se sobre seu desenvolvimento mental. Ao formular o ceticismo e ao defendê-lo contra os muitos inimigos da Escola, e em meio a toda agitação proveniente da desagregação da Academia e do estabelecimento de uma nova escola, era inevitável que seu pensamento assumisse uma tendência dogmática. Ele permaneceu um cético tal como ele sempre havia sido, mas deve ter se tornado dogmático em sua atitude com respeito às expressões céticas, e pode assim ter adotado alguns dos ensinamentos de Heráclito, inconsciente de sua inconsistência.

Onde encontraríamos um escritor moderno que seja coerente em todas as suas afirmações? Se pudéssemos ler as obras de Enesidemo, poderíamos entender melhor a relação entre as ideias aparentemente contraditórias em seus ensinamentos, mas as inconsistências nas afirmações provavelmente permaneceriam. É necessário recordar a posição de Enesidemo ao sair da Academia e fundar uma nova escola, cujo significado completo ele não poderia prever. Deve necessariamente haver alguma imperfeição numa obra pioneira, e algum fracasso em ver a relação de todas as suas partes, e um compilador como Sexto poderia mostrar as inconsistências que os dois séculos desde a época de Enesidemo tinham tornado claras. Enesidemo possuía uma personalidade muito afirmativa

para admitir a absoluta consistência cética. Ele foi, não obstante, o maior pensador que a escola cética conheceu depois da época de Pirro, seu fundador. Ao reivindicar uma união entre o pirronismo e a filosofia de Heráclito, ele reconheceu também a tendência pré-socrática da escola cética. O nome de Sócrates era muito influente na Academia, mas Enesidemo compreendeu o fato que o verdadeiro espírito do pirronismo tinha uma origem mais antiga que a sképsis acadêmica.

CAPÍTULO 5

Exame crítico do pirronismo

O movimento filosófico distinto do qual Pirro foi o autor difundiu seu nome durante cinco séculos após sua morte. Ele teve uma reconhecida existência como uma tendência filosófica, embora na verdade não como uma seita, durante grande parte daquele tempo. Contudo, quando analisamos cuidadosamente a relação do pirronismo, como apresentado a nós por Sexto, com os ensinamentos do próprio Pirro, até onde eles podem ser conhecidos, encontramos muitas coisas no pirronismo pelas quais Pirro não foi o responsável.

Os elementos fundamentais do movimento, o espírito da dúvida empírica que é sua causa e está por detrás de seu desenvolvimento em certas direções em vez de outras, são devidos a Pirro. Os métodos da escola, entretanto, eram completamente estranhos a tudo que se encontrava na vida ou nos ensinamentos de Pirro. Pirro foi acima de tudo um moralista. Ele foi também, em grande medida, um asceta, e viveu sua filosofia, dando a ela, dessa maneira, um lado positivo ausente no pirronismo apresentado a nós por Sexto. Timão o representa como desejando escapar das discussões filosóficas tediosas de seu tempo:

ὦ γέρον ὦ Πύρρων, πῶς ἢ πόθεν ἔκδυσιν εὖρες
λατρεῖς δοξῶν τε κενοφροσύνης τε σοφιστῶν;

e novamente ele fala de sua modesta e tranqüila vida:

τοῦτό μοι, ὦ Πύρρων, ἰμείρεται ἥτορ ἀκοῦσαι
 πῶς πότ' ἀνὴρ ἔτ' ἄγεις πάντα μεθ' ἡσυχίης
 μόνος δ' ἀνθρώποισι θεοῦ τρόπον ἡγεμονεύεις
 φῆστα μεθ' ἡσυχίης
 αἰεὶ ἀφροντίστως καὶ ἀκινήτως κατὰ ταῦτα
 μὴ πρόσεχ' ἰνδαλμοῖς ἡδυλόγου σοφίης²⁹⁷.

Pirro desejava mais que qualquer outra coisa viver em paz, e sua aversão aos sofistas²⁹⁸ pode muito bem tê-lo feito tentar evitar a dialética; ao passo que, pelo contrário, na Escola pirrônica posterior a discussão foi um dos principais métodos de debate, pelo menos depois da época de Agripa. O pirronismo parece ter sido originalmente uma teoria da vida, como a filosofia de Sócrates, a quem Pirro é frequentemente comparado²⁹⁹, e Pirro, como Sócrates, viveu sua filosofia. O conhecimento que temos sobre Pirro é obtido de Aristocles, Sexto Empírico, Diógenes e das tradições acadêmicas transmitidas por Cícero. Diógenes nos fornece detalhes de sua vida os quais ele atribui a Antígonos de Carístos, que viveu por volta da época de Pirro³⁰⁰. Pirro era um discípulo e admirador de Demócrito³⁰¹, de quem alguns ensinamentos produziram uma influência permanente sobre o desenvolvimento posterior do pirronismo. Ele acompanhou Alexandre o Grande à Índia, onde permaneceu como um membro de sua comitiva durante

²⁹⁷ Dióg. IX, 11, 65. Citado por Brochard a partir da edição de Timão organizada por Mullach, *Pyrrhon et le Scepticism primitif*, p. 525.

²⁹⁸ Dióg. IX, 11, 69.

²⁹⁹ Lewes, *Op. cit.* p. 460.

³⁰⁰ Dióg. IX, 11, 62.

³⁰¹ Dióg. IX, 11, 67.

algum tempo, e as ideias filosóficas da Índia não deixaram de exercer uma influência sobre seus ensinamentos. A filosofia oriental era conhecida na Grécia muito antes da época de Pirro, mas o seu contato pessoal com os Magos e os Gimnosofistas do distante Oriente imprimiu sobre sua mente, ao que parece, ensinamentos para os quais ele não estava despreparado pelo seu estudo e disposição natural anteriores. Em sua indiferença a respeito dos bens mundanos encontramos um forte traço do ensinamento budista quanto à vanidade da vida humana. Ele mostrou também uma desesperança semelhante quanto a possibilidade de encontrar uma filosofia satisfatória, ou verdade absoluta. Ele evidentemente retornou da Índia com a convicção de que a verdade não tinha sido alcançada³⁰².

Depois da morte de Alexandre e do retorno de Pirro à Grécia, ele viveu quietamente com sua irmã em Élis, e Diógenes diz que ele foi coerente em sua vida, não afirmando nem negando nada, mas em tudo suspendendo sua opinião, pois nada em si mesmo é bom ou vergonhoso, justo ou injusto³⁰³. Ele não era uma vítima do falso orgulho, mas vendia animais no mercado e, se necessário, ele mesmo lavava os utensílios³⁰⁴. Ele levou uma vida constante e praticou seus ensinamentos com serenidade. Se alguém sáísse enquanto ele estivesse falando ele não se importava, mas continuava calmamente fazendo seus discursos³⁰⁵. Ele gostava de

³⁰² Comparar Maccoll, *Op. cit.*

³⁰³ Dióg. IX, 11, 61, 62.

³⁰⁴ Dióg. IX, 11, 66.

³⁰⁵ Dióg. IX, 11, 63.

viver e de andar sozinho, e numa ocasião, ao ser atingido, num barco, por uma tempestade marítima, ele não perdeu sua imperturbabilidade, mas apontou para um porco que se encontrava comendo calmamente a bordo e disse que o sábio deveria ter a mesma tranquilidade de alma que ele. Ele suportou operações cirúrgicas dolorosas com indiferença³⁰⁶, e quando seu amigo Anaxarco caiu certa vez num pântano, ele passou calmamente sem parar para ajudá-lo, por cujo comportamento coerente Anaxarco depois o elogiou. Existem dois exemplos fornecidos por Diógenes sobre quando ele perdeu o auto-controle: uma vez, quando ficou irritado com sua irmã, e, outra, quando tentou escapar ao ser atacado por um cão. Quando acusado de incoerência, disse que era difícil livrar-se inteiramente da humanidade³⁰⁷. Ele era muito venerado pelas pessoas entre as quais viveu, as quais o converteram em sumo-sacerdote, e em sua homenagem isentaram todos os filósofos dos impostos³⁰⁸, e depois de sua morte erigiram uma estátua em sua memória. Esses fatos testemunham seu caráter moral e também que para cumprir as funções de sumo-sacerdote era necessária certa dose de dogmatismo.

Segundo Diógenes, “nós não podemos saber”, disse Pirro, “o que as coisas são em si mesmas, quer pela sensação, quer pelo juízo, e, como não podemos distinguir o verdadeiro do falso, portanto deveríamos viver impassivamente, e sem uma opinião”. O termo

³⁰⁶ Dióg. IX, 11, 67.

³⁰⁷ Dióg. IX, 11, 66.

³⁰⁸ Dióg. IX, 11, 64.

ἐποχή, característico do pirronismo, remonta, segundo Diógenes, à época de Pirro³⁰⁹. Nada é, em si mesmo, uma coisa mais que outra, mas toda experiência é relativa aos fenômenos, e nenhum conhecimento é possível por meio dos sentidos³¹⁰. O objetivo de Pirro era a ἀταραξία e sua vida forneceu um exemplo marcante do espírito de indiferença, visto o que a expressão ἀπάθεια é mais apropriada que a última, ἀταραξία. A descrição da sua vida com sua irmã confirma isso, onde o termo ἄδιαφορία é usado para descrever sua conduta³¹¹. Ele fundou seu ceticismo na equivalência dos argumentos contrários³¹².

O retrato que Cícero nos fornece de Pirro é completamente diferente daquele fornecido por Diógenes, e contrasta decididamente com ele³¹³. Cícero apresenta Pirro como um moralista severo, não como um cético. Ambos os autores atribuem a Pirro a doutrina da indiferença e da apatia, mas, segundo Cícero, Pirro ensinava a virtude, a honestidade e o *summum bonum*, enquanto que Diógenes simplesmente nos diz que ele considerava que nada era bom em si mesmo, “e de todas as coisas nada como verdadeiro”³¹⁴. Cícero não se refere à dúvida pirrônica. Vemos, por um lado, na opinião que Cícero tem sobre Pirro, a influência da Academia, talvez mesmo do próprio Antíocos³¹⁵, que provavelmente

³⁰⁹ Dióg. IX, 11, 61.

³¹⁰ Dióg. IX, 11, 61-62.

³¹¹ Dióg. IX, 11, 66.

³¹² Dióg. IX, 11, 106.

³¹³ *De orat.* III, 62.

³¹⁴ Dióg. IX, 11, 61.

³¹⁵ Comparar Natorp, *Op. cit.* p. 71.

alterou os retratos fornecidos de Pirro; mas, por outro lado, existe muita coisa na abordagem de Diógenes sobre a vida e os ensinamentos de Pirro, e nos escritos de Timão, que nos mostra o lado positivo de Pirro. Pirro, ao negar a possibilidade de todo conhecimento, fez disso antes um motivo de indiferença nas relações da vida do que a ideia central de um sistema filosófico. Seu ensinamento tinha um aspecto decididamente ético, mostrando a esse respeito a forte influência de Demócrito sobre ele, que, como Pirro, considerou que a felicidade consistia num estado de sentimento³¹⁶. O único motivo de todo ensinamento de Pirro é um motivo positivo, o desejo de felicidade.

A essência do pirronismo como transmitida por Timão é como segue:³¹⁷ O homem deseja ser feliz. Para realizar seu desejo ele deve considerar três coisas:

- (i) Qual é a natureza das coisas?
- (ii) Como o homem deve se conduzir em relação a elas?
- (iii) Qual é o resultado para ele dessa relação?

A natureza das coisas é desconhecida. Nossa relação com elas deve ser de suspensão do juízo, sem atividade, desejo, ou crença, – ou seja, uma relação completamente negativa. O resultado é esse estado de suspensão de opinião, chamado *ἐποχή*, que é acompanhado, por sua vez, pela *ἀταραξία*.

³¹⁶ Zeller, *Grundriss der Griechischen Phil.* p. 70.

³¹⁷ Aristocles, *ap. Eusebium Praep. Ev.* XIV, 18.

O problema da filosofia³¹⁸ é aqui colocado muito aproximadamente nos termos de Kant, mas não com a intenção positiva, como a do grande filósofo alemão, de desenvolver um sistema para apresentar a verdade. Contudo, a importância dessas questões revela a originalidade de Pirro. A seriedade de Pirro é, ademais, revelada por um exemplo fornecido por Diógenes. Certa vez, tendo sido encontrado falando sozinho, ele disse, quando lhe perguntaram o motivo, que ele estava meditando sobre como tornar-se um homem bom (χρηστός), mostrando assim um espírito completamente diferente de qualquer coisa encontrada nos livros de Sexto. A explicação de sua vida e de seus ensinamentos deve ser encontrada em grande medida em sua própria disposição. Uma tal atitude de indiferença deve pertencer a uma natureza plácida e não pode ser completamente o resultado de um sistema filosófico, e, embora ela possa ser buscada, ela nunca pode ser perfeitamente imitada. Um de seus discípulos reconheceu isso, e disse que era necessário ter a disposição de Pirro a fim de sustentar suas doutrinas³¹⁹. Diógenes nos diz que ele foi o primeiro a avançar algumas fórmulas do ceticismo³²⁰, mas elas devem ter sido muito elementares, pois Pirro ele mesmo nada escreveu. Não encontramos nenhum traço nos ensinamentos de Pirro da formulação dos tropos, contudo, é provável que ele indicasse algumas das contradições na sensação, e possivelmente os tropos em

³¹⁸ Comparar Maccoll, *Op. cit.* p. 21.

³¹⁹ Dióg. IX, 11, 70, 64.

³²⁰ Dióg. IX, 11, 69; IX, 11, 61.

alguma forma rudimentar. Dentre o grande número de fórmulas cétricas, ou φωναί as três que parecem ter a mais antiga ligação com o ceticismo são a ἀντιλογία, a οὐδ ν ὀρίζω, e a οὐ μᾶλλον³²¹. Nós sabemos por Diógenes que Protágoras é o responsável por dizer que em relação a tudo existem dois argumentos opostos³²². O dito “não determino nada” é citado por Diógenes³²³ a partir do *Python* de Timão, e os outros dois ditos mencionados são também atribuídos a ele por Aristocles³²⁴. Nós temos também na expressão οὐ μᾶλλον uma ligação direta com Demócrito, embora a diferença no significado que ele lhe atribuiu seja mostrada por Sexto³²⁵. Assim, embora a expressão seja a mesma, a explicação a seu respeito fornecida por Pirro deve ter sido diferente. Parece provável que Pirro empregou todos os três ditos, segundo o relato de Diógenes, e que mesmo então eles suscitaram a acusação dos dogmáticos, que simplesmente por adotar esses ditos os cétricos dogmatizavam³²⁶, visto que a refutação destes, empregada por Sexto, ocorre com a velha explicação dos ditos, ou seja, que essas fórmulas incluem também a si mesmas no significado, como um purgativo que elimina a si mesmo junto com demais objetos nocivos³²⁷.

Ao comparar o pirronismo tardio com os ensinamentos de Pirro, diferenciamos nitidamente a

³²¹ *Hip.* I, 202; Dióg. IX, 8, 51; edição de Bekker, de *Fócio*, 280 H.

³²² *Hip.* I, 197; Dióg. IX, 11, 76.

³²³ *Hip.* I, 197; Dióg. IX, 11, 76.

³²⁴ Aristocles, *ap. Eusebium, Praep. Ev.* XIV, 18.

³²⁵ *Hip.* I, 213.

³²⁶ Dióg. IX, 11, 68-76.

³²⁷ Dióg. IX, 11, 76; *Hip.* I, 206.

atitude moral dos dois. Com Pirro o equilíbrio da alma era um expediente a ser aplicado à sua teoria positiva da vida; com os pirrônicos posteriores ele foi o fim a ser alcançado. Nós deveríamos atribuir, entretanto, a tendência empírica mostrada durante a história inteira do pirronismo à Pirro como seu criador. Ele era um filósofo empírico, e o resultado de sua influência a esse respeito, como verificado no desenvolvimento subsequente da escola, colocado-se em marcado contraste com o espírito dialético da sképsis acadêmica. O empirismo da escola é mostrado no seu saber científico, no fato de que muitos dos céticos eram médicos, e na natureza dos dez tropos da ἐποχή. Podemos seguramente afirmar que os princípios fundamentais do pirronismo são devidos à Pirro, e a originalidade que deu à escola seu poder. A elaboração dos argumentos, entretanto, e os detalhes de suas fórmulas pertencem aos tempos posteriores.

Passemos agora para a relação do pirronismo com a Academia – entre o tempo de Pirro e o de Enesidemo –, cuja conexão entre os dois é difícil de determinar exatamente. O ceticismo na Academia nunca foi, contudo, absolutamente idêntico ao pirronismo, embora em certos períodos da história da Academia a diferença fosse pequena. Podemos traçar de princípio a fim a evolução da dúvida, como ela nos aparece no pirronismo e no ceticismo acadêmico, os diferentes resultados que acompanharam a diferença na origem dos dois movimentos, e essas diferenças se seguiram segundo as leis gerais do desenvolvimento do pensamento. Arcésilas, que introduziu a dúvida na Academia,

pretendia retornar à dialética de Sócrates e suprimir as aulas expositivas³²⁸, que constituíam o método de ensino nas escolas filosóficas mais recentes, introduzindo em vez disso as discussões como sendo mais decididamente um método socrático. Embora, segundo Sexto, ele fosse o único líder da Academia cujo ceticismo mais de perto se aproximou do pirronismo³²⁹, contudo, sob todo seu ensino assenta aquele princípio dialético completamente em oposição ao empirismo de Pirro. A crença de Sócrates e Platão na existência da verdade absoluta nunca perdeu completamente sua influência sobre a Academia, mas foi como uma semente oculta, destinada a reaparecer depois que o ceticismo tivesse desaparecido. Isso finalmente levou a Academia ao dogmatismo e preparou o caminho para o ecletismo com o qual ele desapareceu da história.

A história do pirronismo e a do ceticismo acadêmico foram, durante certo tempo, contemporâneas. O discípulo imediato de Pirro, Timão, chamado por Sexto de “profeta de Pirro” era um contemporâneo de Arcésilas. Que ele não considerou o ceticismo da Academia idêntico ao pirronismo é provado a partir do fato de que ele mesmo não tomou parte da Academia, mas, pelo contrário, esteve longe de fazer isso. Que ele considerava Arcésilas um dogmático é evidente a julgar pelos seus escritos³³⁰. Certo dia, ao ver o chefe da Academia aproximar-se, ele gritou, “O que você está

³²⁸ Comparar Maccoll, *Op. cit.* p. 36.

³²⁹ *Hip.* I, 232.

³³⁰ Dióg. IV, 6, 33, 34.

fazendo aqui entre nós que somos livres?”³³¹. Depois da morte de Timão, a Escola pirrônica não teve nenhum representante até a época de Ptolomeu de Cirene³³², e o ceticismo grego foi representado pela Academia. Que Pirro teve uma forte influência sobre Arcésilas, que foi o fundador da Academia Média, é evidente³³³; mas também nunca houve um tempo em que a Academia rompeu completamente com todos os ensinamentos de Platão, mesmo em suas dúvidas mais profundas.³³⁴ É verdade que Arcésilas afastou, tanto nominalmente como espiritualmente, alguns dos diálogos de Platão da Academia, mas somente aqueles que possuíam um caráter dogmático, ao passo que aqueles que apresentavam um modo de questionar mais decididamente Socrático, sem atingir qualquer resultado definitivo, foram considerados fontes autorizadas para o ceticismo.

Sexto não nega que Arcésilas era quase um pirrônico, mas ele alega que seu pirronismo era somente aparente, e não real, e foi usado como uma máscara para ocultar a sua lealdade aos ensinamentos de Platão³³⁵. Como Aríston disse a seu respeito³³⁶, “Platão à frente, Pirro atrás, Diodoro no meio”. Sexto também caracteriza o método de Arcésilas como dialético³³⁷, e nós sabemos

³³¹ Diog. IX. 12, 114.

³³² Dióg. IX, 12, 115.

³³³ Dióg. IV, 6, 33.

³³⁴ Dióg. IV, 6, 32.

³³⁵ *Hip.* I, 234.

³³⁶ Dióg. IV, 6, 33.

³³⁷ *Hip.* I, 234.

com base em Cícero que ele se vangloriava de retornar à dialética de Sócrates.

É interessante notar que Sexto, em sua refutação da posição de que a Academia é idêntica ao pirronismo, dedica-se a todo o desenvolvimento do pensamento Acadêmico da época de Platão até a de Antíocos, e não limita a discussão ao ceticismo representado por Arcésilas. A afirmação feita por alguns de que as duas escolas eram idênticas é mencionada por ele,³³⁸ e a palavra “alguns” provavelmente se refere a membros de ambas as escolas em diferentes períodos de sua história. Sexto reconhece três Academias, embora ele observe que alguns fazem até uma divisão adicional, chamando a de Filo e Cármides de “quarta”, e a de Antíocos e seus seguidores de “quinta”.

Que muitos na Academia, e mesmo fora dela, consideravam Platão um cético, e uma autoridade para o ceticismo posterior, nós verificamos tanto em Sexto como em Diógenes³³⁹. Como Lewes justamente observa, alguém poderia muito bem encontrar apoio para o ceticismo nas obras de Platão, como de fato os acadêmicos fizeram, mas não quando sua doutrina como um todo fosse considerada. O espírito dos ensinamentos de Platão era dogmático, como Sexto decididamente reconhece, e como Enesidemo e Menôdotos³⁴⁰ reconheceram antes dele³⁴¹. O próprio Sexto nos mostra que o idealismo e as doutrinas éticas de Platão não têm

³³⁸ *Hip.* I, 220.

³³⁹ *Hip.* I, 221; *Dióg.* IX, 11, 72.

³⁴⁰ Edição de Bekker das *Hip.* I, 222.

³⁴¹ *Hip.* I, 222.

nada em comum com o ceticismo, pois se ele aceita o caráter desejável da vida virtuosa e a existência da Providência, ele dogmatiza; e se ele ainda as considera como prováveis, ele dá preferência a uma série de ideias mais que a outras e afasta-se do caráter cético. Sexto caracteriza o lado cético dos escritos de Platão como ginástica mental³⁴², o que não autoriza que ele seja chamando de cético, e afirma que Platão não é um cético, uma vez que ele prefere algumas coisas não aparentes a outras merecedoras de crédito. Sexto percebeu, com muita perspicácia, a diferença ética subjacente aos ensinamentos da Academia e do pirronismo, e, embora seja muito provável que a parte das *Hipotiposes* que define a diferença entre a Academia e o pirronismo seja em grande medida uma citação da introdução das obras de Enesidemo, contudo, Sexto certamente dá a essas declarações o claro sinal de sua aprovação. Ele condena a Academia por causa da teoria de que o bem e o mal existem, ou se isso não pode ser decididamente provado, não obstante o que é mais provável que aquilo que chamamos de bem exista do que não exista³⁴³.

A doutrina Acadêmica das probabilidades como um todo contradiz o ponto de vista dos céticos – que nossas ideias equivalem-se quanto à credibilidade e não credibilidade³⁴⁴, pois os Acadêmicos declararam que algumas ideias são prováveis e algumas improváveis, e

³⁴² *Hip.* I, 223.

³⁴³ *Hip.* I, 226.

³⁴⁴ *Hip.* I, 227.

eles estabelecem uma diferença ainda entre aquelas ideias que eles chamam de prováveis.

Sexto afirma que existem três razões fundamentais da diferença entre o pirronismo e a Academia. A primeira é a doutrina da probabilidade que os Acadêmicos aceitam quanto à maior credibilidade de algumas ideias em relação a outras³⁴⁵. A segunda é a diferente maneira como nas duas escolas os mestres são seguidos. Os pirrônicos seguem sem muito empenho ou esforço, ou mesmo muita inclinação, como uma criança segue seu mestre, ao passo que os Acadêmicos seguem com simpatia e assentimento, como Carnéades e Clitômaco afirmam³⁴⁶. A terceira diferença reside no objetivo, pois os Acadêmicos seguem o que é provável na vida. Os céticos não seguem nada, mas vivem de maneira não dogmática segundo as leis, os costumes e os sentimentos naturais³⁴⁷.

A diferença entre a doutrina mais recente da Academia e o pirronismo é evidente – e Sexto discorre sobre ela de forma breve, como se ela não necessitasse ser discutida³⁴⁸ –, pois Fílo ensinava que a natureza dos fatos é incompreensível, e Antíocos transferiu a Stoa para a Academia. É evidente, portanto, conforme a comparação que fizemos, que não encontramos na Academia, com a qual depois da morte de Timão o ceticismo esteve tão unido, a continuação exata do pirronismo. A animosidade filosófica dos dois

³⁴⁵ *Hip.* I, 229.

³⁴⁶ *Hip.* I, 230.

³⁴⁷ *Hip.* I, 231.

³⁴⁸ *Hip.* I, 235.

contemporâneos, Timão e Arcésilas, o acadêmico que tinha mais em comum com o pirronismo, é uma expressão da incompatibilidade fundamental entre as duas escolas.

Durante toda a história diversificada da Academia o idealismo oculto estava lá, subjacente ao desenvolvimento exterior. Embora durante a época em que Arcésilas e Carnéades viveram a diferença fosse tão pequena que parecia uma mera questão de forma de expressão, contudo os diferentes fundamentos sob os quais as duas escolas se apoiaram foi sempre reconhecível. Por um lado, havia a semente do idealismo que estava destinada a tomar consciência de uma nova vida, e, por outro, a tentativa da absoluta negação que resultou na extinção final do pirronismo. Encontramos em ambos, é verdade, especialmente na época de Arcésilas, o objetivo da ἐποχή³⁴⁹. Ambos colocam grande ênfase na ἰσοσθένεια, ou igual valor dos argumentos contrários³⁵⁰. O fundamento da ἐποχή era, entretanto, diferente nos dois casos. O fundamento de Arcésilas residia na dialética, ao passo que o de Pirro era empírico.

O pirrônico acreditava que as ideias não nos propiciavam nenhum conhecimento do mundo exterior; o cético acadêmico acreditava que não podemos distinguir entre as verdadeiras e as falsas ideias, de modo que tal conhecimento é impossível. O pirrônico negava que a verdade poderia existir nas ideias por causa de sua natureza contraditória, e, conseqüentemente, a existência

³⁴⁹ *Hip.* I, 232.

³⁵⁰ Dióg. IX, 73; *Hip.* II, 130; III, 65.

de toda verdade μηδ ν ε ναι τῇ ἀληθείᾳ ἐπὶ πάντων³⁵¹. O cético acadêmico admitia que a verdade estivesse talvez contida nas ideias, mas afirmava que ela nunca poderia ser conhecida por nós. Os pirrônicos orgulhavam-se de ainda ser investigadores, pois conquanto as ideias comuns fossem demasiado contraditórias para fornecer conhecimento do mundo exterior, eles não negavam que tal conhecimento poderia ser possível, mas simplesmente suspendiam o juízo a seu respeito. Para o pirrônico o resultado correspondia ao método. Todas as ideias, até onde se sabe, nada revelam sobre a verdade, portanto ele ainda investiga. O acadêmico tenta provar logicamente que é impossível descobrir a verdade. Trata-se da relação do dialético com o empirista, e as duas variedades de ceticismo são explicadas por suas diferenças na origem. No pirronismo não havia nenhum elemento construtivo. No ceticismo acadêmico semelhante elemento encontrava-se do início ao fim de toda sua história na teoria da probabilidade. O próprio Arcésilas deu grande importância a essa doutrina, a qual Sexto cuidadosamente nos mostra³⁵² que é completamente incompatível com o Pirronismo. Arcésilas ensinou abertamente que, se alguém suspende o juízo em relação a questões de conhecimento, poderia regular suas escolhas, suas recusas, e suas ações de acordo com o provável³⁵³.

Depois que Antíocos introduziu o ecletismo na Academia o pirronismo foi o único representante do

³⁵¹ Dióg. IX, 11, 61.

³⁵² *Hip.* I, 229.

³⁵³ Comparar Maccoll, *Op. cit.* 39.

ceticismo grego, e ele floresceu por mais de dois séculos depois do início de nossa era, e então também desapareceu para não mais existir como uma escola filosófica regular.

Tendo considerado extensamente a essência do pirronismo como apresentado por Sexto Empírico, resta agora mencionar brevemente as características que constituíam sua força e sua fraqueza, e as causas de sua decadência final. Herbart disse que todo filósofo é um cético no início, mas todo cético permanece sempre no início. Essa observação pode ser aplicada perfeitamente ao pirronismo. Nós encontramos em seus ensinamentos muitas verdades filosóficas fundamentais que poderiam ter constituído o início do grande progresso filosófico, mas que nunca foram desenvolvidas em algum resultado positivo. Os ensinamentos do pirronismo foram, alguns deles, perfeitamente adequados para preparar o caminho para o idealismo. A importante ideia da relatividade do *Vorstellungen* é salientada pelos dez tropos da ἐποχή. Enesidemo, em seus oito tropos contra a etiologia, mostra o absurdo da doutrina da causalidade quando apoiada em bases materialistas. Aquela era para ele definitiva, ἐπεὶ οὐκ ἔσται αἴτιον. Ele não podia predizer que embora o resultado que ele apresentou fosse lógico, ele conduz somente a uma verdade mais elevada. Estava reservado para os maiores filósofos modernos revelar ao mundo que a causalidade é uma condição, e uma condição necessária, do pensamento. Quando Enesidemo provou por meio de seu sétimo tropo que a causalidade é subjetiva, ele o considerou fatal para a doutrina; contudo, essa conclusão foi um passo marcante

no avanço da filosofia crítica, embora Enesidemo não pudesse ele mesmo vê-lo em todos os seus significados. A grande diferença entre Enesidemo e Kant é a diferença entre o materialista e o crente na realidade subjetiva. Ambos concordaram quanto a natureza desconhecida da *Ding an sich*³⁵⁴, mas isso era para o pirrônico o fim de toda sua filosofia; para Kant, entretanto, o começo.

O pirronismo prestou, não obstante seus pontos de fraqueza fatal, importante auxílio para o mundo da ciência, filosofia, ética e religião. Ele estimulou o pensamento científico ao enfatizar métodos empíricos de investigação e ao criticar todos os resultados fundados sem suficientes dados em falsas hipóteses. Se, ao invés de negar a possibilidade de toda ciência por causa da falta de um critério da verdade dos fenômenos, os pirrônicos tivessem percebido a possibilidade de uma ciência dos fenômenos, eles poderiam ter conduzido o mundo ao progresso científico³⁵⁵. Seu benefício para a filosofia residiu no estímulo para o pensamento que seus freqüentes ataques às crenças dogmáticas ocasionaram. O pirronismo juntou todas as mais importantes teorias das antigas escolas filosóficas para examinar suas fraquezas e expor suas contradições, e esse próprio processo de crítica frequentemente demonstrou o poder da verdade que elas continham.

Sexto Empírico foi frequentemente acusado pelos padres da Igreja de corromper a crença religiosa, e, contudo, o maior benefício que o pirronismo prestou ao mundo foi nos planos religioso e ético. Esse benefício,

³⁵⁴ “Coisa-em-si” (N. do T.)

³⁵⁵ Comparar Lewes, *Op. cit.* p. 463.

naturalmente, não consistiu em destruir a crença na verdade absoluta, como o cético professou fazer, mas em preparar o caminho para encontrá-la. Os corajosos ataques do ceticismo à todas as verdades conduziu o homem a investigar as doutrinas éticas e religiosas, a examinar as bases de suas crenças e a colocar em prática o direito de pensar e discutir livremente.

O ceticismo foi o antecedente da liberdade de consciência e da crítica racional³⁵⁶, e do direito absoluto do pensamento científico. Os cétricos, entretanto, não obtiveram nenhum benefício de seu próprio sistema. Eles permaneceram, por assim dizer, sempre no começo do possível progresso. Com as chaves para as grandes descobertas em suas mãos, as portas do desenvolvimento filosófico e científico estiveram para sempre fechadas a eles pelos limites de seu próprio sistema. A fraqueza inerente ao pirronismo reside em sua inconsistência psicológica e em seu caráter negativo. Penso que podemos seguramente dizer que o pirronismo foi o mais coerente sistema de ceticismo jamais apresentado ao mundo, e, contudo, ele prova o mais decididamente que o ceticismo completo é psicologicamente impossível. Um homem pode renunciar a suas crenças numa série de ideias, e, se elas são ideias popularmente aceitas, ele será chamado de cético, como foi o caso de Hume. Ele deve, entretanto, substituir essas ideias por outras igualmente positivas, e então ele não será mais um cético, mas um dogmático, pois acredita em alguma coisa.

Nós mostramos que os mais importantes pensadores do pirronismo, Pirro, Enesidemo e Agripa,

³⁵⁶ Comparar Chaignet, *Op. cit.* p. 460.

não foram exemplos de ceticismo absoluto, e embora Sexto Empírico tenha compreendido que se exigia coerência a esse respeito, e tenha afirmado em quase todas as páginas que ele não estava afirmando nada, contudo, não existe nenhum parágrafo de seus livros em que ele, apesar de tudo, não dogmatiza sobre algum assunto. O ceticismo completo é contrário às leis fundamentais da linguagem, pois todo emprego de verbos envolve alguma afirmação. Os pirrônicos se deram conta disso e, por isso, alguns deles nada escreveram, como Pirro, seu líder, e outros defenderam a *αφασία*³⁵⁷ como uma das doutrinas de seu sistema.

³⁵⁷ *Hip.* I, 192.

REFERÊNCIAS

Nas consultas às obras de Sexto utilizamos o texto grego estabelecido por Immanuel Bekker, Berlin, 1842, com freqüente consulta ao texto de J. A. Fabricius, 1718, que foi extraído diretamente dos manuscritos existentes das obras de Sexto. As referências a Diógenes Laércio e a outras obras antigas foram cuidadosamente verificadas.

Os principais autores modernos consultados são os seguintes:

Ritter, *Geschichte der Philosophie*, II. Auf., Hamburg, 1836-38.

Zeller, *Philosophie der Griechen*, III. Auf., Leipzig, 1879-89.

Lewes, *History of Philosophy*, Vol. I., London, 1866.

Ueberweg, *History of Philosophy*, IV. ed., trad. por Morris, 1871.

Brochard, *Les Sceptiques Grecs*, Paris, 1877. [Os céticos gregos, tradução para o português de Jaimir Conte, São Paulo: Odysseus, 2008.]

Brochard, *Pyrrhon et le Scepticism Primitif*, nº. 5, Ribot's. *Revue Phil.*, Paris, 1885.

Saisset, *Le Scepticism Aenésidème-Pascal-Kant*, Paris, 1867.

Chaignet, *Histoire de la Psychologie des Grecs*, Paris, 1887-90.

Haas, *Leben des Sextus Empiricus*, Burghausen, 1882.

Natorp, *Forschungen zur Geschichte des Erkenntnisproblems beiden Alten*, Berlin, 1884.

Hirzel, *Untersuchungen zu Cicero's philosophischen Schriften*, Leipzig, 1877-83.

Pappenheim, *Erläuterung zu des Sextus Empiricus Pyrrhoneischen Grundzügen*, Heidelberg, 1882.

Pappenheim, *Die Tropen der Griechischen Skeptiker*, Berlin, 1885.

Pappenheim, *Lebensverhältnisse des Sextus Empiricus*, Berlin, 1887.

Pappenheim, *Der angebliche Heraclitismus des Skeptikers Ainesidemus*, Berlin, 1887.

Pappenheim, *Der Sitz der Schule der Griechischen Skeptiker*, Archiv für Geschichte der Philosophie, I. 1, S. 47, 1887.

Maccoll, *The Greek Sceptics from Pyrrho to Sextus*, London, 1869.

Sobre a autora

Mary Mills Patrick (1850-1940), missionária, educadora e feminista americana, viveu durante muitos anos na Turquia, onde fundou e dirigiu o *Constantinople Women's College*. Estudou filosofia na Alemanha e na Suíça, interessando-se, sobretudo, pela filosofia grega. É autora também de *Sappho and the Island of Lesbos* (1912).